



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

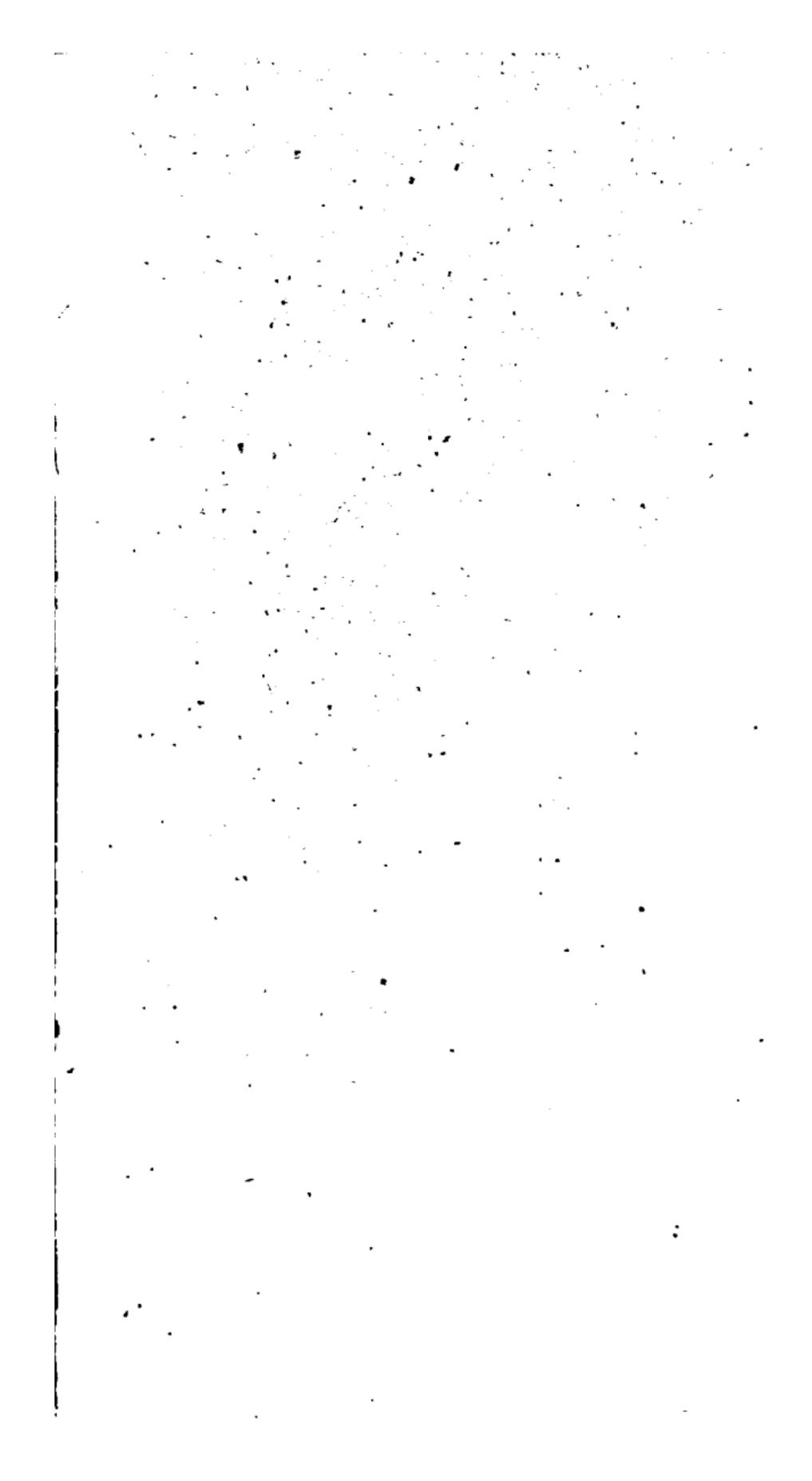
### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Belle Kermil Roosevelt







OBRAS DE MARQUES DE CARVALHO

---

VII

ENTRE AS NYMPHEAS

DO MESMO AUCTOR

---

- O SONHO DO MONARCHA ... Opusculo  
LAVAS..... Opusculo  
PAULINO DE BRITO ..... Opusculo  
HORTENCIA ..... 1 volume  
O LIVRO DE JUDITH..... 1 volume  
CONTOS PARAENSES..... 1 volume
-

Belle Kermit Roosevelt  
Seu Buenos Ayres 1915

J. MARQUES DE CARVALHO

## ENTRE AS

## NYMPHEAS

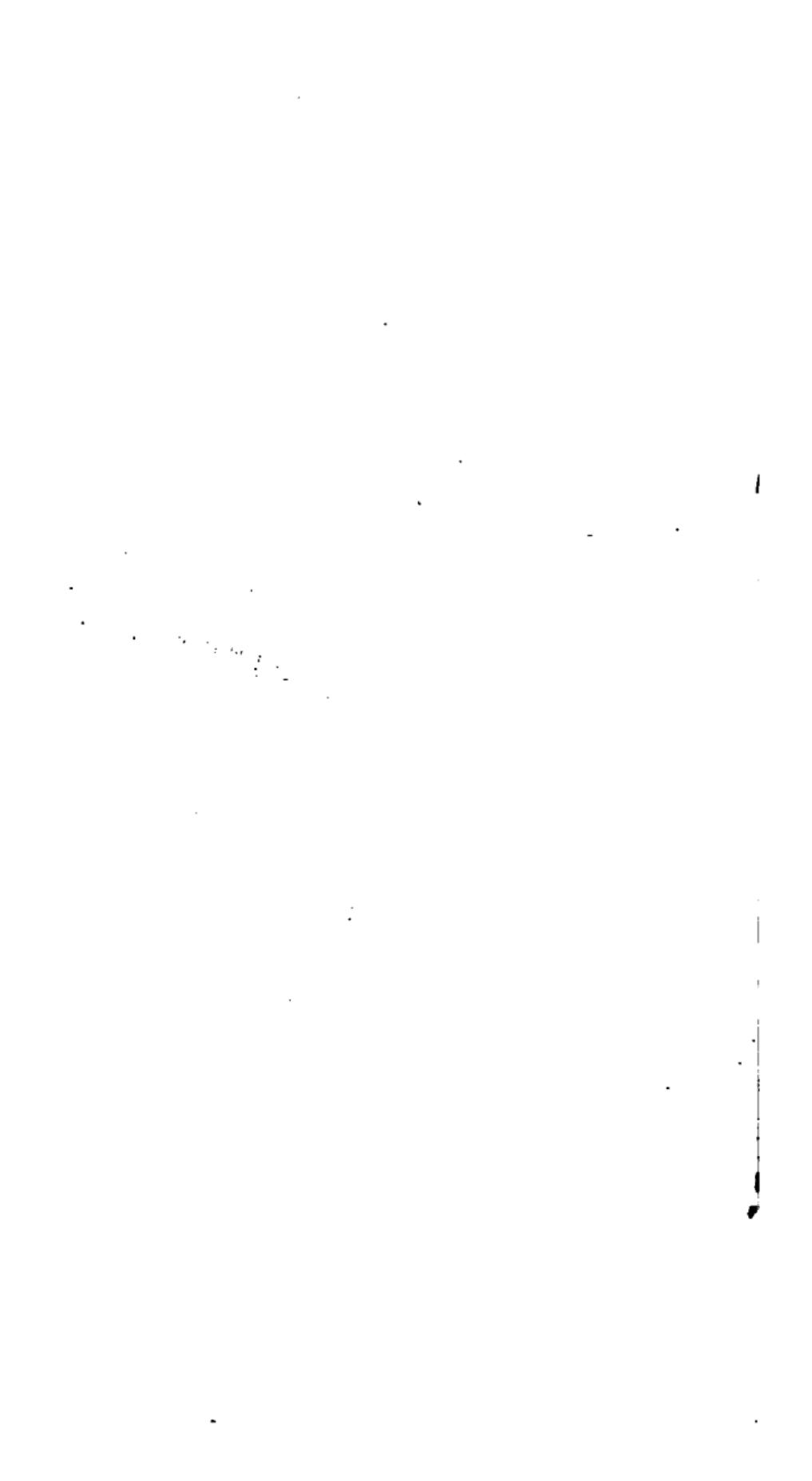


BUENOS AIRES  
Arnoldo Moen, — editor  
Calle Florida N.º 314  
1896

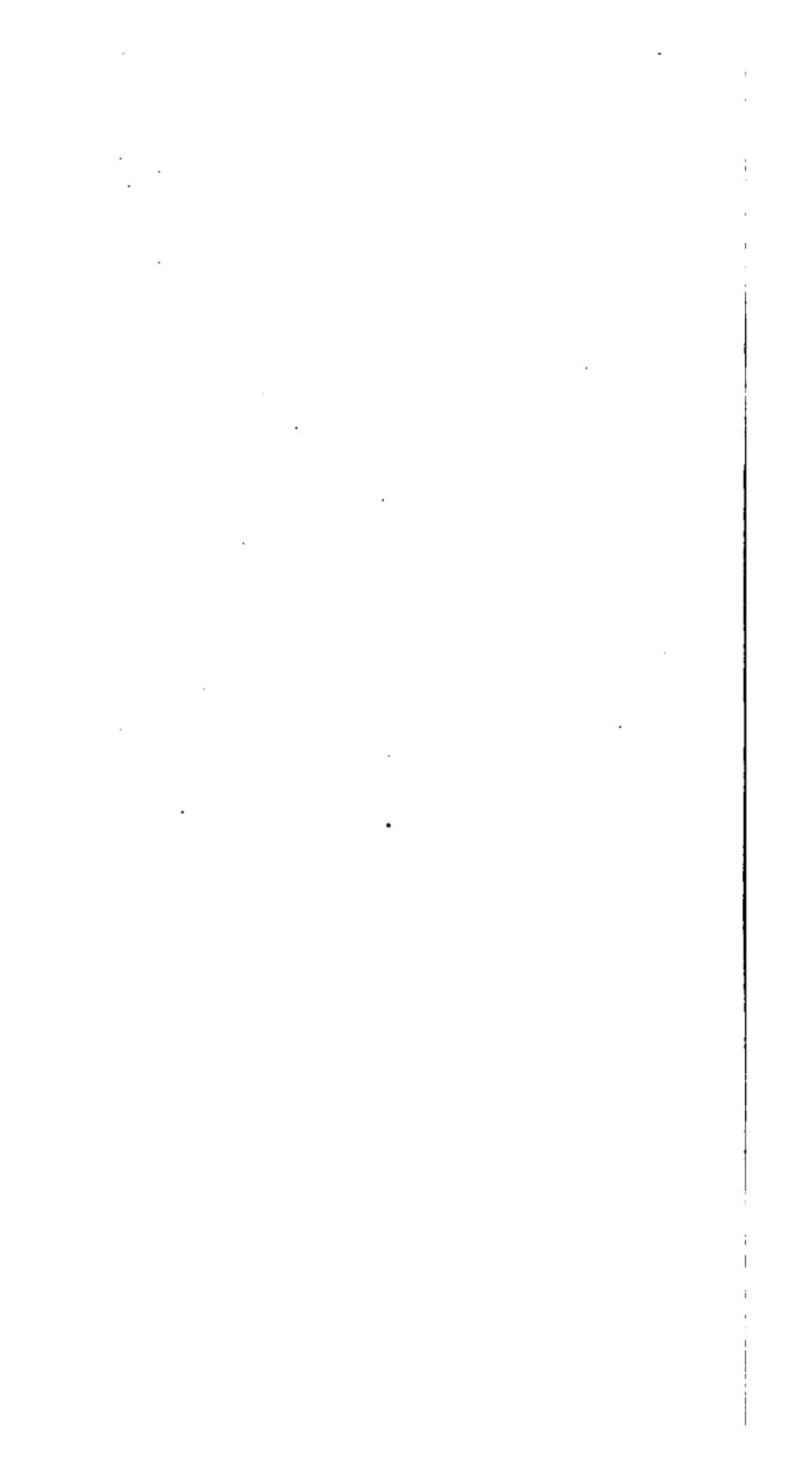


---

**PRIMEIRA PARTE**  
**S U B J E C T I V I S M O**



*El minba esposa*



*Esta parte do volume é intima,  
subjectiva.*

*Suas paginas constituem o tra-  
balho d'um artista apaixonado e  
d'um homem de coração, durante  
uma viagem entre as nymphreas,  
na região dos nenuphares e da  
Victoria Regia, pelos rios Amazo-  
nas, Negro e Madeira, ha seis  
annos.*

*O labutar objectivo do cuctor  
em busca da expressão naturalista  
da arte encontra aqui uma occa-  
sião de pausa ríborante, enquanto  
fala a alma, na livre expansão  
da sua illimitada sinceridade e  
de todas as forças affectivas que  
possue.*

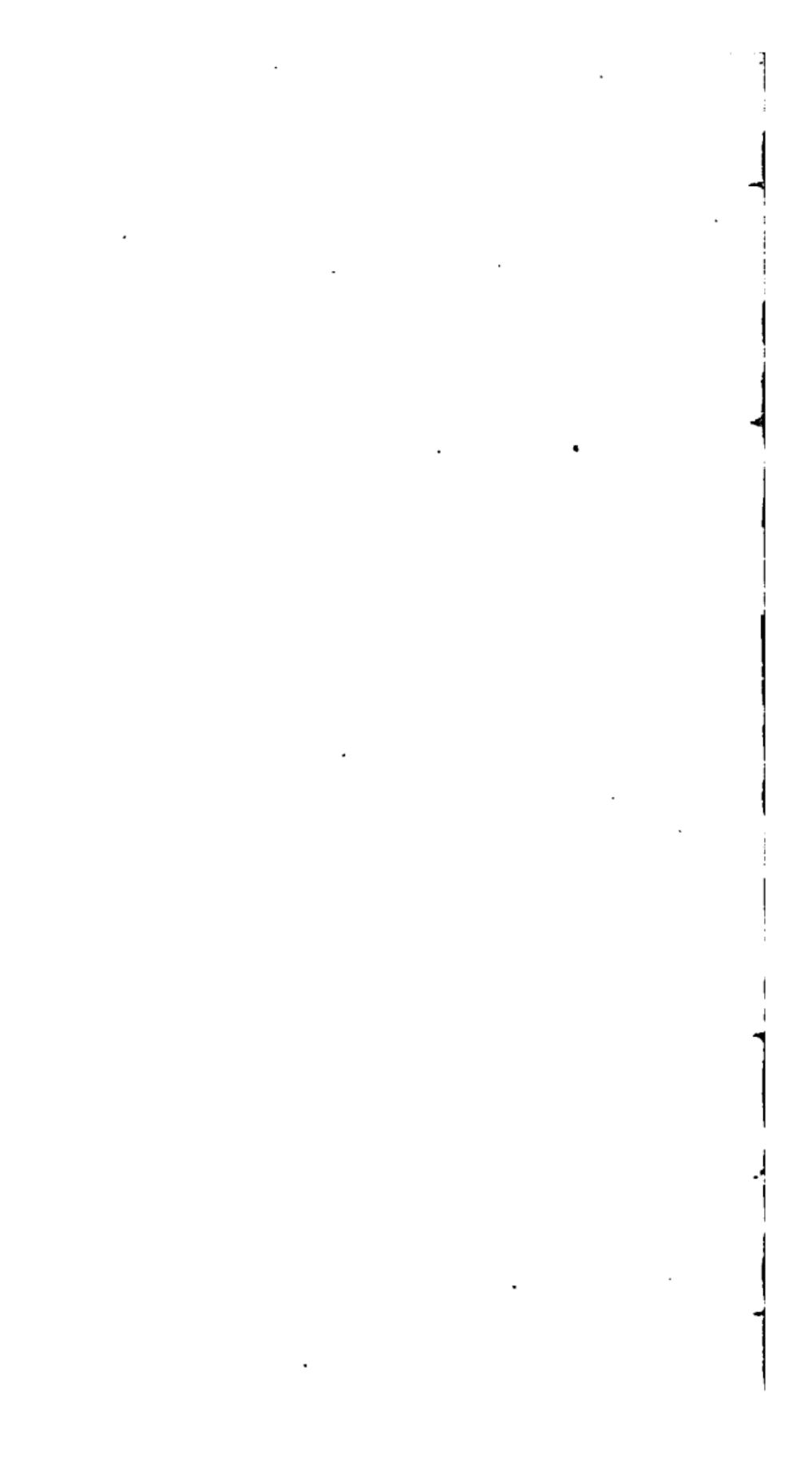
*Eu devia esta homenagem ao  
amparo dos meus desanimos, ao  
jubilo dos meus dias prazenteiros,  
—á insubstituível companheira a  
quem dedico esta metade do volu-  
me. Doze annos de intensíssimo  
affecto necessitavam de uma com-  
memoração.*

Buenos Aires, 1895.

Marques de Carvalho.



# O ISOLAMENTO



## O ISOLAMENTO

---

A Cecília Reitte

### I

Ergui-me com a estrella  
d'alva, esta manhã.

Oppresso pela atmosphera  
pesada do aposento, saí logo  
ao terraço, a receber em cheio  
na face a brisa que, desde o  
interior da casa, eu ouvia sa-  
cudir valentemente as gran-  
des arvores da floresta, ali  
perto.

Logo bebi, sôfrego, esse ar  
embalsamado que enchia o  
ambiente.

Uma alegria sem par empolgou-me o espirito, sem duvida suscitada pela grandiosa belleza circumdante. Embrenhei-me na matta, seguindo uma azinhaga. Começava a amanhecer. Havia no ar esse murmурio das aves que despertam,—bulicio tepido que só podem avaliar os madrugadores na roça,—um como roçar voluptuoso do frouxel suavíssimo que exorna as innumerias legiões canoras do Amazonas.

Não sei o tempo que andei quasi ás apalpadeias, ao longo do carreiro. Interessava-me tanto pelo duplo acordar dos ninhos e das plantas, que só reparei em mim mesmo quando, já dia claro, encontrei-me no centro de uma bella clareira. Por cima de mim, balbuciava a brisa dulcíssimos rumorejos, agitando as copas verdejantes. Em derredor, porém, era, ás vezes, absoluta a tranquillidade das coisas.

Por intermitencias, nem mesmo um ciciar de passarinho, ou esse mysterioso, farfalhante correr de lagarto, que parece suscitar não sei que estranhos sobresaltos nas florestas do meu paiz.

Formava a clareira como um salão circular preparado pela natureza para receber-me. E, para que nada faltasse, havia ao fundo, extendido como um luctador exhausto, um grande tronco secular, que alguma tremenda tempestade derribara. Amplo, coberto de limo que arremedava a fôfa disposição dos estôfos valiosos, esse gigante vencido oferecia-me commodo assento rustico. Entretanto, não utilisei-me d'elle: sentindo-me bem, sentindo-me feliz, estava longe da fatiga. Por insensivel movimento de dominio orgulhoso, apenas puz-lhe o pé no dorso, vencedoramente.

Na mesma occasião, porém,

penetrou-me o pavôr: uma grande ave, um inhambú graciosíssimo emergiu d'entre as toças de verdura fresca, de sob o tronco abatido e ergueu o vôo para o interior do matto, n'um largo ruflar d'azas com indubitaveis entonações zombeteiras, intoleravelmente escarninhas.

II

Quedei-me ali muito tempo,  
a seguir esta ordem de pensamentos.

No estanto, o céu fôra devassado pelo hilariante clarão com que este bemdito sol da minha terra doira todas as coi-

sas, em sua munificencia de soberano insupplantavel. Por toda a parte, só uma coisa via: luz, luz, luz, ese alastrar de claridade que penetra tudo, que dá aos objectos uma apparencia de alegria, d'intenso jubilo paradisiaco !

Pelo ar, cantavam sempre a brisa e as aves, estas menos talvez do que aquella, compromettida a fazer a larga harmonia da alígera volata.

A clareira formava agora um salão redondo alcatifado de velludo esmeraldino, illuminado d'uma orgia de raios, vibrante da deliciosa bacchanal dos passarinhos.

Minha alma dilatava-se mais no goso, até ali inexperienceado, de tamanha quietude, de tão profunda sensação do que é grato na liberdade.

O isolamento ! Quanta paz na situação que esta phrase traduz ! Que suaves delicias

que meigo langôr frue o espirito no socego completo, divorciado dos cuidados da vida commun, senhor emfim de sondar a consciencia propria, com a qual anda, ás vezes, semanas inteiras sem ter um só instante para escutar-lhe as impressões, para confabular com ella, extremado dos sêres banaes e falsos que formam a nossa rôda habitual!

Haverá porventura alguém que não préze esses momentos de silencio, nos quaes a alma fala comsigo propria, dizendo coisas ha muito sentidas e que, entretanto, parecem-lhe, — quando examinadas, — estranhas novidades jamais ouvidas?

Lembro-me agora da attenta concentração em que surprehendo, algumas vezes, no alto das ramarias, esses folgazões alados que garganteiam a todo instante crystallinas fiorituras sonoras.

Dir-se-ia monologarem, resolvendo ponderoso assumpto, tal a profunda gravidade com que pendem a cabecinha, como recolhidos ao mais intimo de si mesmos.

Conheci um canario ao qual este genero de melancolia era habitual. Valente cantor, adorado em toda a vizinhança pelo talento com que desferia os seus bellissimos gorgeios, valia a pena vel-o, quando espanejava-se ao sol, muito arripiado e gracioso, revolvendo com o bico, em rápida immersão, a agua do pequenino tanque de crystal da gaiola doirada onde vivia.

Tirava horas inteiras para cantar, saltitante e feliz! Podia dizer-se que empenhava-se em fazer um impossivel, ou que pretendia matar-se n'um excesso melodico e genial, superior ás forças de seu mesquinho sér de passarito delicado!

Porém detinha-se de repente, entre um trinado e um silvo: detinha-se, interrompendo os elegantes pulinhos e, immovel na travessa principal, ficava ali demorados momentos, a curvar a loira cabeça para um e outro lado, com uma sériedade que poderia fazer sorrir a quem, superficial e leviano, não ponderasse no mysterio d'aquelle inesperado recolhimento em que uma alma sonhadora e romantica parecia despertar n'elle com intercadencias fataes.

Terão também os passaros o prazer do soliloquio, a volupia da meditação? Terão também a percepção dos gosos inebriantes que provém da certeza de estarmos sós, —absolutamente sós, que ventura! — enfim libertados da tyrannia das convenções, capazes de desafivelar a mascara que atam-nos á face os

respeitos mundanos?...

Bem quizera crér na existencia, n'elles, de um poder de reflexão, pois d'outro modo não sei explicar aquella postura tão estranha, aquelle ar philosopho, essa expressão quasi humana,—tão humana, que surprehende!

E' que, de certo, sentem o valor do socego, da paz completa, do tranquillizador influxo da solidão, cujos inefáveis encantos fascinam, penetram o organismo d'uma tependez emolliente, dão este balsamo incomparável: — a alegria de viver!

E como assim não acontecer, visto que as aves são as dominadoras do espaço, os habitantes da matta, onde é de todo sensivel o poder do isolamento, d'esta situação, que pôde ser considerada egoista e destruidora, porém que o meu espirito acaba de começar a comprehendêr, a re-

verenciar, a amar com descompassados entusiasmos, porque vae-lhe perscrutando os largos arcanos de poesia e alento philosophico, o vigor que insufla á mente para aprofundar-se no estudo subjetivo, no conhecimento do *eu*, a desillusão a que arrasta-nos em relação ás pequenas misérias odientes do mundo positico dos falsos e dos pretensos civilizados? . . .

Gloria ao isolamento! Bem-dita sejas, ó grande floresta amazonica, osculada pela ardente paixão do sol, toda sonora dos folgueados da passarada chilreante, rica de extranhos mysterios e de misteriosas riquezas inestimaveis!

**GAIVOTAS**



## GAIVOTAS

---

### I

Um bando de gaivotas, aos pares amoravelmente aproximados, ergueu o vôo do mattagal e, cortando o espaço por de sobre o borbulhante estirão do rio, veiu seguindo o vapor, a poucos metros de distancia da pôpa, ora alteando-se á ponta do mastro, ora descendo rapido, de olhar incisivo e lesto bico, até esfrolar levemente a agua com as cendradas pennas da aza desfraldada.

O marulho da agua parecia excitar-as, espicaçar-lhes a actividade em céleres convites de festiva digressão a ignotas paragens, onde o ceu fosse azul,—muito azul,—e a verdura das ilhas tivesse os tenros e alegres tons que apresentavam os aningaes das margens defronte das quaes passavamos n'aquelle instante.

Revoavam jubilosamente, as gaivotas, aproximavam-se do vapor, descrevendo elegantes circulos, n'uma palpação d'azas similhante ao rufiar do leque entre os dedos d'uma bella mulher, quando impéra, deslumbrante de graça, nos salões selectos. Vinham, parecia quererem invadir a coberta, participar da ruidosa vida que sobre ella apresentavam os passageiros, reunidos em intimas palestras.

Sentado á pôpa, eu silenciosamente fitava aquelles

aquaticos viageiros ignorados. Seguia-lhes os caprichosos folguedos sob a limpidez do ceu, com o olhar perdido traz elles, emprestando-lhes idéas, dando a mim proprio as razões d'esse livre gaudio perante a pompa triumphal da tarde moribunda.

Formavam as margens visiveis do rio largas ilhas meio submersas, de que apenas se viam emergindo da agua,—como braços erguidos para o espaço n'um entusiasmo viril de canticos de louvor,—milhares d'arvores variadíssimas, esparzindo perfumes resinosos e estalando as cascas sob a demasiada affluencia das tepidas seivas vivificadoras. Como grandes açafates de caprichosas fórmas espalhados por toda a latíssima extensão do rio, essas ilhas balouçavam as farfalhantes cômas glaucas, onde os pássaros, papeando, en-

treteciam previdentes os diminutos ninhos e a robustez dos merityzeiros erguia pendentes os pesados cachos de fructos granadinos.

Pelas margens, começavam a acordar os innominados animaes noctivagos e um arruido estranho, abafado, levantava-se em surdina sob o machucamento das folhagens ondulantes.

E a tarde morria a pouco e pouco.

Depois, ao fundo da paizagem, recortaram-se escuras, encobrindo o sol, as longas montanhas sobre as quaes está erecta Monte-Alegre.

Um dos mais bellos crepusculos vespertinos começou então.

Quadro verdadeiramente formoso! O ceu, entestando com essas montanhas, apresentava todas as tonalidades do iris, n'uma pujança complexa de matizes prismaticos,

e o sol,—como apertado entre elles e a brunida cupula sideral,—disseminava pelo espaço crystalino feixes de raios luminosos em gigantea expansão que lembrava uma aurora boreal, um enorme clarão d'apothéose empyreia.

Pelo nascente, subiam gradativas trevas, como poderosíssimo senhor que sae a combate sem precipitações, na sua convicção d'inilludivel victoria.

Ao mesmo tempo, perto do zenith, un crescentinho de lua e a estrella da tarde,—esta quasi tão luminosa como um raio do teu olhar, querida amiga,—scintillavam merencorios, como annuviados por incognoscivel saudade, entre longas nuvens delgadas, côr de pérola e lyrio, rendilhando-se no azul ferrete do firmamento.

As gaivotas, então, que tinham vindo a seguir-nos,

—emquanto o meu olhar, da  
pôpa do navio, parecia dese-  
jar attrair-as poderoso,—gras-  
naram freneticas e, de subito,  
descrevendo rapido circulo  
elegantíssimo, regressaram á  
terra d'onde tinham partido  
e fugiram velocias, n'uma  
actividade de movimentação  
d'azas perdendo-se ao longe,  
na meia escuridade do cre-  
pusculo.

Fiquei sosinho á ré, a fital-  
as...—a fital-as, oh! não!—a  
mirar o ponto do aningal onde  
se haviam perdido aquelles  
inconscientes sérres, que tanto  
me tinham enleiado o espirito  
nas invisiveis malhas dos sens  
largos circulos graciosos, des-  
criptos no espaço, em refle-  
xões movediças sobre as gor-  
golejantes aguas amazonicas.

---

## II

Assim também fugiram-me  
precipitadas do seio as níveas  
alegrias, quando, levado pela  
embarcação, ausentei-me sau-  
doso da terra onde ficaram  
as candidas inflorescencias do  
meu amor.

Como aquellas gaivotas,  
preguiçosas e sympathicas,  
os doces prazeres familiares  
deixaram-me seguir sosinho,  
breve regressaram á terra que  
idolátro na minha apaixonada  
effervescencia de enthusias-  
mo pela grande patria digna  
das maiores dedicações.

Vou-me rio acima, isolado  
e desconhecido, entre pessoas  
extranhas, separado de vos-  
sos enlevadores affagos, ó

queridos entes cuja ternura  
deslaça-me a vida em loiras  
espadanas de luz puríssima  
e gentil! Sigo meditabundo,  
sem receber na alma ente-  
nebrecida um raio do vòsso  
olhar,—um só raio que me  
illuminasse o peito, para pôr  
em relêvo dentro d'elle toda  
a somma de santos sentimen-  
tos para vós,—sómente para  
vós—guardados ali!

A abafada canção da agua  
babujando os flancos do na-  
vio faz a surdina dolente que  
acompanha as mestas lamenta-  
ções do meu espirito obsi-  
diado pela afflicção das sau-  
dades.

A's vezes, a deshoras da  
noite, quando o firmamento  
escuro apresenta-se deserto  
das suas luzentes tauziações  
risonhas, e só a floresta da  
margem rebôa agitada pelo  
cadenciado barulho da pos-  
sante machina, embalde busco  
pelo ceu do meu espirito

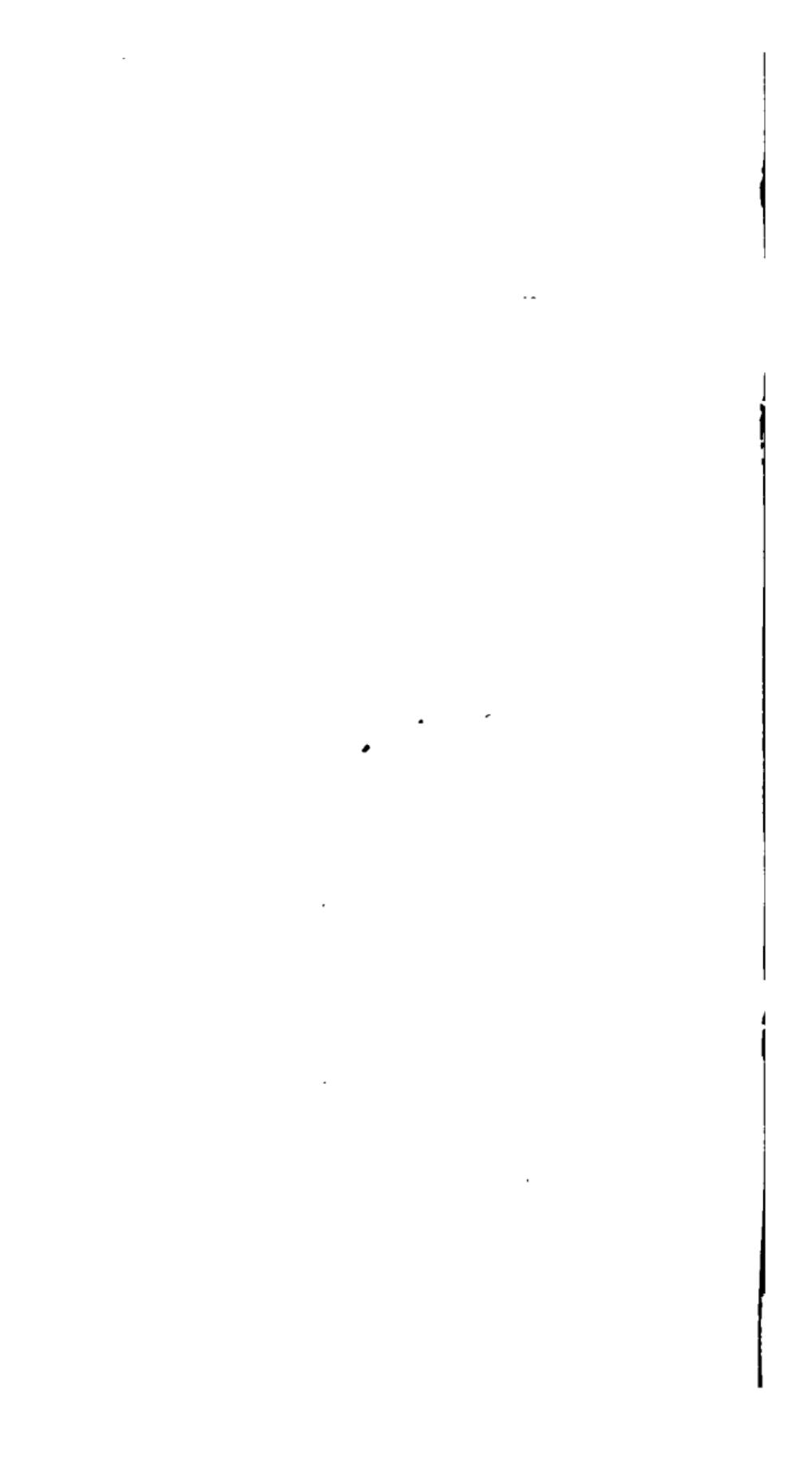
certo par de estrellinhas an-  
nejas, — que são os doces  
olhos petulantes de minha  
filha, fanaes da vida minha.

E só a luminosa palpitação  
phosphorescente dos pyrilam-  
pos tremeluze rápida no te-  
nebroso velludo dos aningaes  
da beira.

A solidão augmenta-me os  
pezares, quando a hora do  
crepusculo da tarde vem des-  
caíndo vaga pela terra, des-  
lisando do inflexivel pendulo  
do tempo com a dura impas-  
sibilidade d'uma desgraça tre-  
menda.

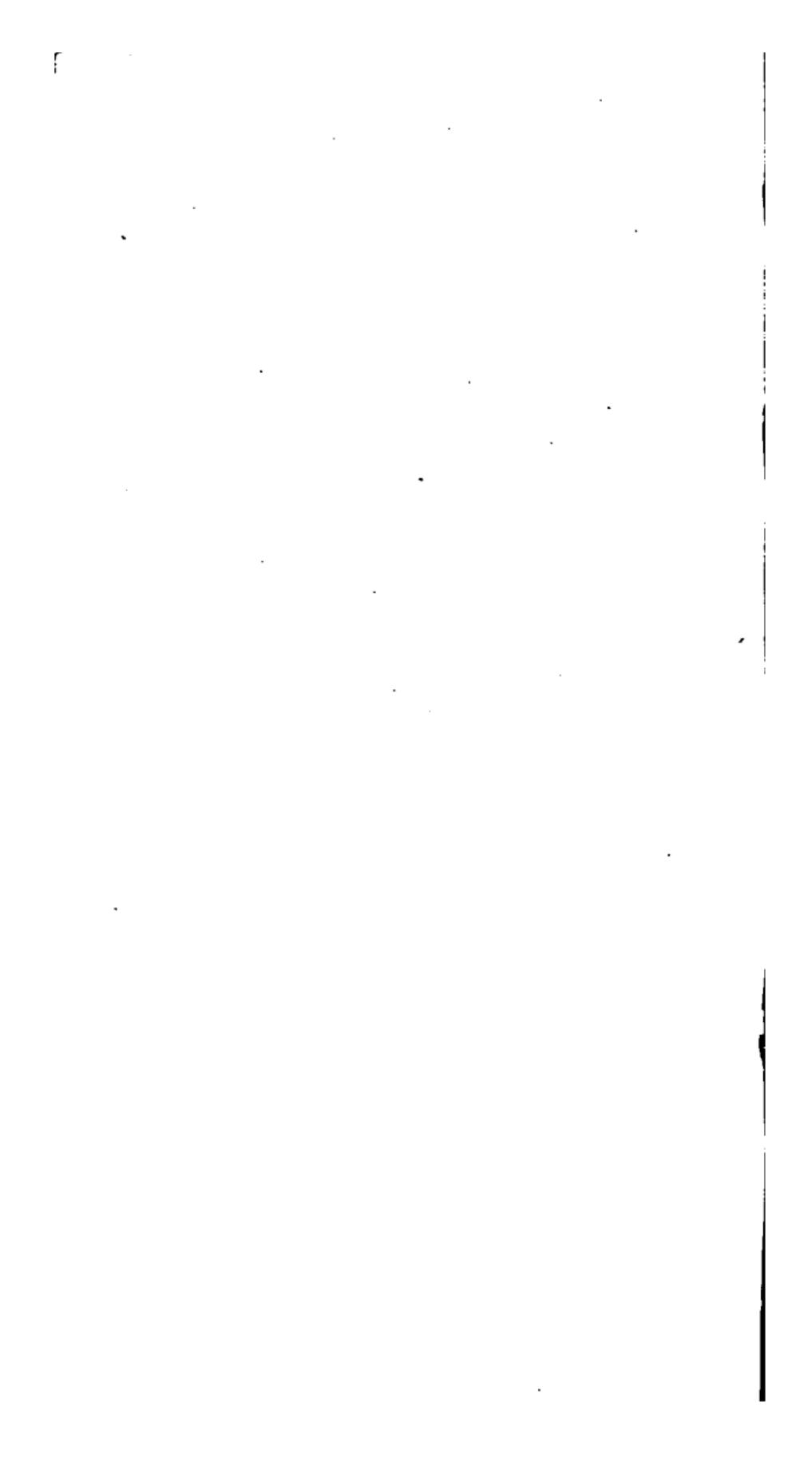
Gaivotas, alegrias do rio !  
Alegrias, gaivotas do pélago  
da minha vida ! Porque fugís  
tão velozes, sem vos deixar-  
des agarrar por estas mãos,  
que vagam sem um apoio  
amoroso, sem vos deixardes  
aprisionar n'este peito, fre-  
mente de meigas paixões san-  
tíssimas ?

Rio Madeira, abril.



---

## Ó naufrágio do “Purús”



## O naufragio do “Purus”

---

À H. Inglez de Souza

### I

Este é o sitio em que, ha vinte annos quasi, afundou-se o *Purus*, arrastando para o leito do rio algumas dezenas de cadaveres colhidos de surpreza.

O Amazonas aqui, como conservando ainda a triste memoria do luctulento successo, róla silencioso as suas aguas, cobre-se eternamente

com o intenso crepe, accen-  
tuado e mesto, do vasto rio  
Negro.

Tem as margens a appa-  
rencia de um recinto de fu-  
neral: socegadas e desertas,  
monotonisam o quadro com  
a ininterrupta ostentação das  
suas ramalhudas verduras  
densíssimas.

Nenhum gorgorio de passa-  
ro percebo na larga mudez  
circundante.

No alto, o ceu, apinhado de  
nuvens escuras, encobre-me  
aos olhos a risonha alegria  
do seu puríssimo azul, ado-  
ravel como as pupilas d'uma  
imagemzinha da Virgem, que  
minha Mãe, em pequenino,  
ensinou-me a reverenciar com  
o contemplativo respeito das  
creanças absórtas !

Passamos n'este mesmo in-  
stante sobre o logar onde  
atufou-se a elegante embar-  
cação aventureira.

Um pensamento de sauda-

de assalta-me o espirito, agora que deslisei rápido por cima do líquido sepulchro de tantos infelizes.

Relembro, com a forçosa evocação do meu passado, as confusas recordações da primeira edade e reproduzo na mente, consoante ás narrações da época, o pasmoso entrêcho do hórrido espetáculo.

Vejo pessoas de todos os sexos e edades, em meio á densa escuridão da noite, bramindo apavorados gritos, impetrando o auxilio do céu impassivel, amaldiçoando o momento final com o törvo desespéro das grandes afflições.

A bracejar contra a correnteza, lobrigo um ou outro naufrago n'aquelle pégo, quasi tão vasto como o do mantuano cantor. Uns, redobrando de esforços, conseguirão alcançar a margem anhelada;

a mór parte, porém, certo fraquejará impotente na violencia das aguas e rolará inanimada aos profundos antros dos caimões!

N'um camarote, vencida, dominada por tredo somno, uma joven mulher angelical, esposa extremecida e extremosíssima, é surprehendida pelas aguas em sua descuidosa seminudez inconsciente e logo suffocada sem haver tempo de reconhecer o perigo por que passa com os seus,— com os parentes affectuosos e com o infeliz marido, o commandante austero, de quem separa-a, sem transigencias, a comprehensão do cumprimento do dever.

E ali morre, com o pobre coração retalhado de angustias e amaríssimas saudades, uma valente mulher de temperamento e actividade virís, guia e ama de muitos d'aquelles naufragos. E' a he-

roica exploradora d'uma parte do rio Madeira, a veneranda mãe d'um punhado de homens honrados e de honestíssimas mulheres,—a idolatrada mãe d'aquelle excelsa criatura que deu-me luz aos olhos e piedosos sentimentos ao coração !

II

Comprehendo agora perfeitamente a dôr que rasgou-te os puros seios d'alma, querida Mãe, quando correram a referir-te o hórrido successo.

Creança quasi irresponsável, eu não tinha a percepção completa d'aquelles afflididíssimos desespéros em que te lançaste, com os olhos ama-

rados de lágrimas adamantinas.

Entrei a brincar-te com os longos cabellos pretos, minha adoravel amiga, e um beijo tão sincero como a tua dôr deposeram-te na fronte ensombreada meus labios deslaçados em simples phrases sem valor.

Hoje, porém, ó Mãe, avalio com justeza a afficção que em ti causou tão deshumano flagicio da sorte inclemente. Sondo, linha por linha, todos os arcanos do teu seio, ausculta-lhe as precipitadas palpitações soluçantes e lamentosas.

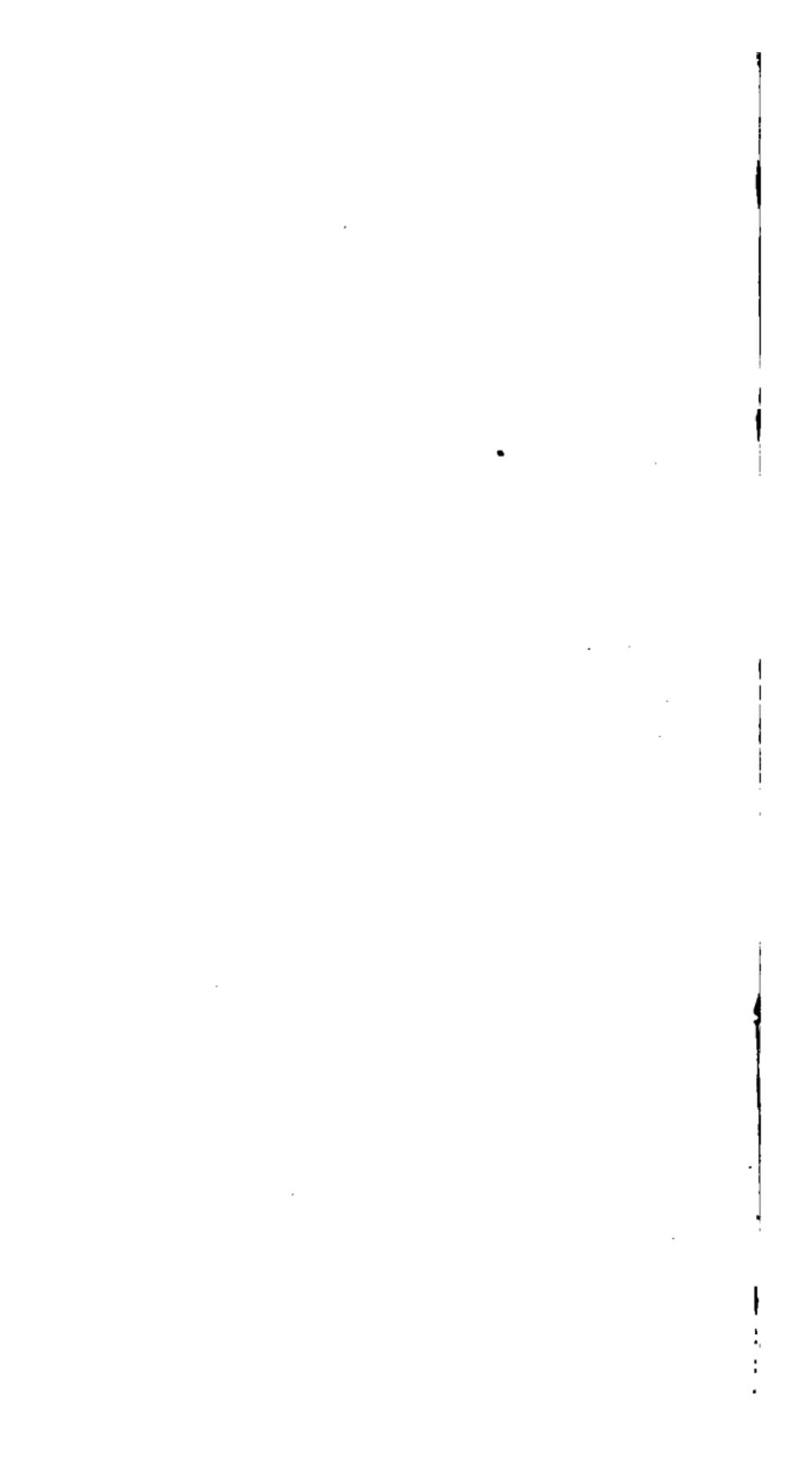
Choravas, inconsolavel e dolentíssima, porque deixaras de ter mãe.

Sinto conhecer-te a intensidade das penas, porque também perdi-te para sempre e só minha alma pode saber a força de toda a violenta dôr que, ha seis annos, confran-

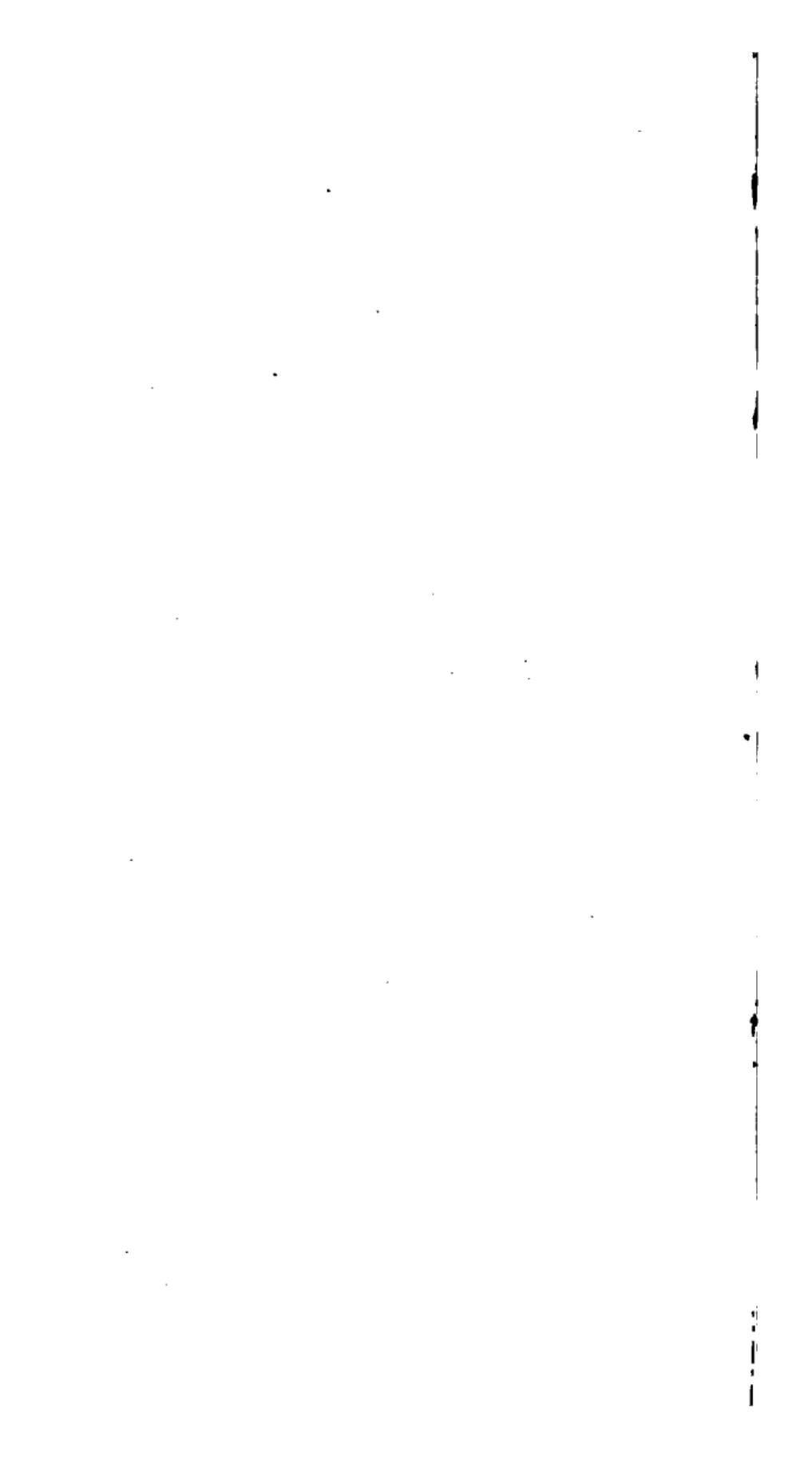
ge-a impiedosa, minuto a minuto, persistentemente, tantas são as vezes que de ti me lembro, inolvidavel mulher que foste a guia da minha infancia e a amiga insubstituivel da minha adolescencia!

Rio Amazonas—Rio Negro.

---



Brinde a minha filha



---

## Brinde a minha filha

---

Hoje é o dia do teu primeiro  
anniversario, querida filha.

E's pequenina de mais, tens  
o espirito ainda cerrado á  
comprehensão exterior das  
cousas, para poderes penetrar  
o jubilo immenso de que devo  
estar saturado por esse acon-  
tecimento, sobre a vastidão  
d'esta valente arteria amazo-  
nica, ao tempo que as pers-  
pectivas das verdes paizagens  
apraviveis se vão succedendo  
gradativamente, n'uma sua-  
vidade que deslisa tranquilla  
a meus olhos enlevados nas  
fiorituras das folhagens ra-  
malhudas.

Entretanto, devo escrever estas linhas que, no futuro, destinarei a teus olhos e a tua alma,—sobretudo á tua alma, querido amôr! Intima força propelle-me a esta comunicação silenciosa dos nossos dois espiritos,—o meu ainda novo, porém já prestes a declinar para as florescências da edade madura e o teu velado ainda á vida do espirito, aos sentimentos santos, pequenino botão de bogary transcendental, que nem sequer pensa em desabotoar as cerradas corollas aos largos folguedos d'uma existência feliz!

E porque não falar-te hoje?

Quem sabe o que o dia de amanhã,—soturno cairel dos arcanos do tempo,—não guarda para nós envolto nas iriadadas roupagens do futuro?

A distancia que entre nós presentemente existe não é motivo bastante forte para

recusar-me ao desejo de escrever estas palavras simples, destinadas á perfeita simplicidade do teu espirito.... d'aqui a meia duzia d'annos, quando estejas no caso de entendel-as, meu amôr.

Nem tu sabes que multidão de alegres pensamentos vagam-me no cerebro, hoje que um anno se completa que pela vez primeira te vi, rosa-dá e pequenina, quasi imperceptivel átomo-flôr d'uma existencia tão almejada e bendita pelo meu espirito milhares de vezes rejubilado!

Como estuava-me o coração, alargado em seus ambitos pelo prazer, todo aberto ás santas paixões amoraveis de quem começa a gosar as grandes, as mellífluas, as inebriantes sensações vitaes da paternidade! Com que ternura immensa não te fitavam meus olhos, rasos d'agua, abertos como n'um sorriso,

revendo a tua pequenina imagem atravez da nervosa palpitação imperceptivel dos cilios orvalhados das puras lágrymas do contentamento!

Um mundo de pensamentos risonhos e transcendentaes produzia-se-me no espirito, em luzida cohorte de festivas alegrias benéficas. Sentia-me pequeno de mais para creal-os, bastante insignificante para soletrar tremendo de emoção todo aquelle mirífico alphabeto enorme da mais santa das paixões.

Era a completa alegria que manifestava-se d'ess'arte em minha alma, porque pela primeira vez te via deante de mim, envolta en candidas faixas, ao collo de tua mãe, que desabrochava o rosto n'um sorriso meio doloroso e quasi todo espiritualisado já, como n'um altar immaculado, erguido á tua innocencia pela ternura da Mulher que te deu

á luz, regenerada da culpa da especie pelo immanente martyrio da maternidade!

Hoje, que taes factos completam um anno, dia a dia, os mesmos sentimentos revoam-me festivos pelo espirito, com igual força de vitalidade.

Inscrecio-os n'esta folha, registro-os em tua alma, ó flôr, para offerecer-t'os como presente d'annos em penhor do largo affecto de teu pae, enquanto, separado de ti por grande distancia, levanto á sorte mil votos pela tua felicidade futura, por tua existencia, por tua saude, pela tua angelica pureza de donzella e pela tua inquebrantavel virtude de esposa.

E' bem possivel que não mais exista o auctor d'estas linhas e da tua existencia quando possas lér as palavras aqui traçadas.

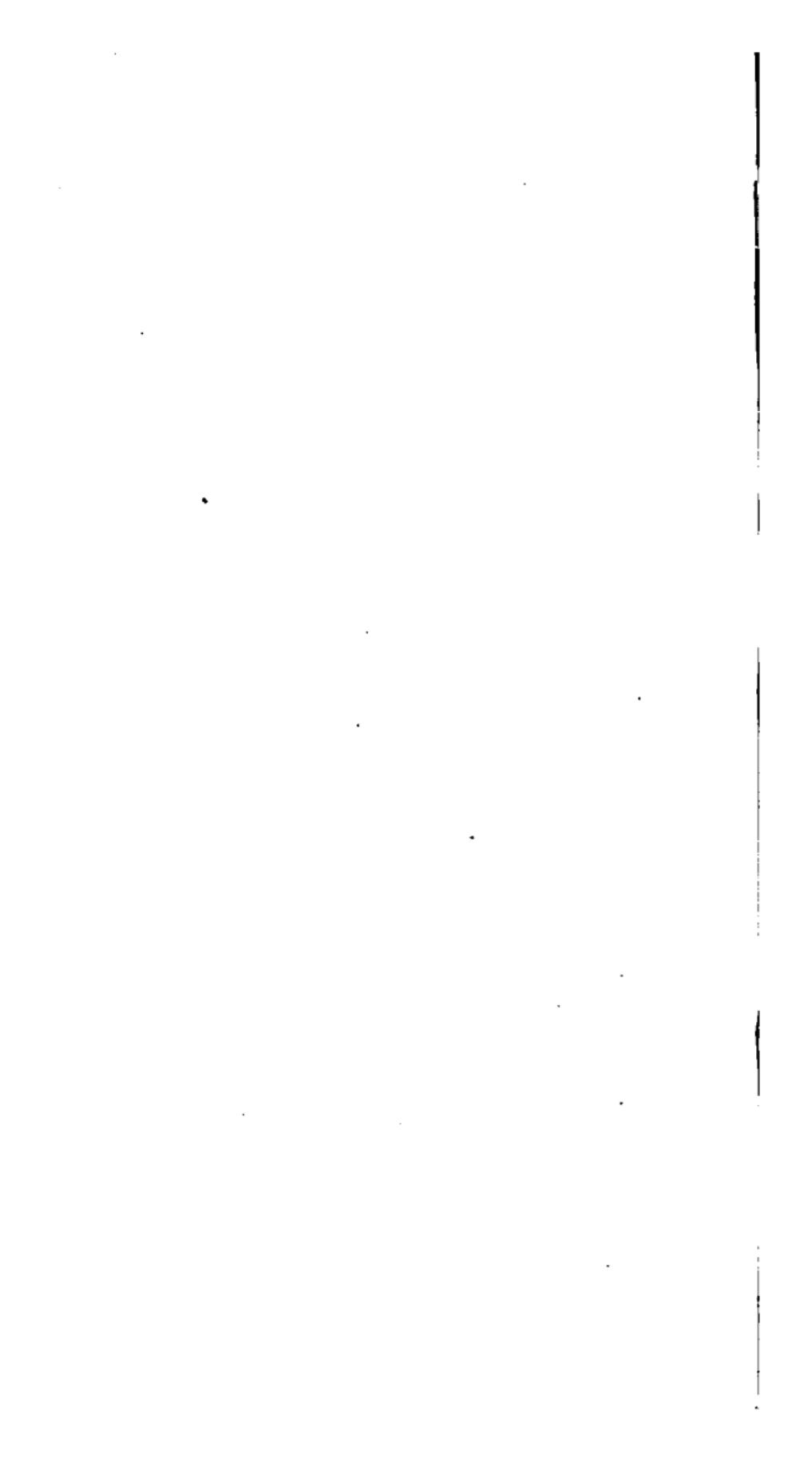
Não importa! Servirão para

lembra-te que possuiste um  
pae amorosíssimo, que teve  
para ti os pensamentos todos  
da sua vida e, por certo, ainda  
mesmo o pensamento final da  
hora derradeira!

Rio Madeira, abril.

---

## **O cemiterio da floresta**



## O cemiterio da floresta

---

Hontem pela tarde o meu espirito confrangeu-se inteiro perante inesperado espectaculo, cuja reminiscencia me faz pensar ainda e arrasta-me tremula a mão, na tarefa de consignal-o no papel.

Vou referir-te, meu amor, o que viram meus olhos, e o que meu coração sentiu n'aquelle instante d'intimas reflexões maguadas.

Cortada em rapido declive sobre a beira da agua, em meio á floresta densa, abandonada de todos, uma clareira fazia-se abrupta e essa clareira era um cemiterio, um pe-

queno campo santo solitario e melancolico,—sympathico todavia,—salpicado de cruzes toscas e negras!

A bordo, alegres conversações travavam-se aqui e ali, sob o oiro refulgente do sol no estivo desabrochar das claras horas diurnas. Ninguém parecia attentar n'esse triste sitio de repouso, sobre o qual a tripudante passarada das mattas volitava cheia de inconsciencia, garrulamente estrepitosa e jovial.

Alargava-se o rio ali de frente, muito socegado, todo brunido das reflexões solares, como se recebido houvesse um grande banho de prata fundida.

E um rumorejar da folhagem, des dois lados do cemiterio e ao fundo, fechando o horizonte do quadro, cerrando a escarpa, como que parecia entoar a langorosa monotonia d'uma surdina risonha do

prazer, sacudida em amplas vibrações de volupia.

Entretanto, o meu espirito entenebrecia-se pouco a pouco. Uma tristeza empolgou-o forte e minha alma deslisou para as mudas divagações dos sonhos acordados, das reflexões abstractas em que os olhos voltam a força objectiva para o interior e, eliminando o seu poder observador do mundo externo, nada comprehendem do que vêm, porque só o cerebro trabalha dentro da materia e o seu meio de accão anniquila-se perante o vigor do espirito.

De quem aquelles despojos materiaes ali inhumados, longe dos centros de povoação, roubados ao conhecimento mundano, subtraídos á vaidade dos homens, entregues á terra com toda a simpleza das grandes devoluções pungentes, restituídos á obscuridade do nada para sempre,

para sempre furtados á ultima recordaçao marmorea que lhes lembrasse o nome na derradeira falsidade dos epitaphios campanudos?

Quantos heróes ignorados se não occultariam n'aquelle recinto, sob a leve camada de terra ás pressas lançada pelos vivos por cima de seus cadaveres meio decompostos?

Ali não vinham os falsos amigos ostentar o seu fingido pezar, com o recolhimento das feições e a compostura do trajo que predominam pelas cidades, onde até a inhumação é um luxo mais ou menos apurado. O marido infiel, respirando enfim livremente após a quebra do fio que prendia-lhe o alvedrio, não viria ali mais uma vez insultar com uma dôr não sentida a lamentavel memoria da doce esposa traída, nem a joven viuva leviana, já com o espirito ocupado por

amorosos pensares—adulterio posthumo!—appareceria a ostentar o fingimento d'uma paixão que não possuia e que depressa esqueceu na elaboração de cartinhas piégas ao primeiro janota impudico que lhe deparou a sorte ironica.

Ali, sim, ao homem honesto e severo, à mulher virtuosa e amante, à inocente creancinha levada ao descanso perennal após breve apparição na terra, grato, gratíssimo seria inteiriçar os membros lassos e repousar alfim, descuidosos na eterna immobildade dissolvente da ultima pacificação, — separados de toda a phantasia ephéméra e das convenções banaes da fallaciosa hypocrisia social.

Para quê ser lembrado após a morte? De que serve um marmore a reproduzir o nome d'um sér cuja existencia o tempo consumiu, — candeia exticta, apagado fanal do

pelago da vida? Recordar o nome d'um morto, perpetual-o petreamente, é ainda uma forma de insulto, é uma violação que põe o finado na emergencia de se lembrarem d'elle os maus, os pérfidos, aquelles que não o comprehenderam em vida e que mais uma vez negar-se-ão a fazer-lhe a justiça de que tão sedento estava o seu espirito.

Estaes bem ahi, desconhecidos heróes do labutar quotidiano, ó martyres das privações no meio d'essa esplendida orgia de verduras amazonicas! Tão bem vos acho, que até sinto inveja ao ver-vos no pequenino cemiterio escalvado na rapida ribanceira.

A sorte restituiu-vos ao pó com a mais austera simplicidade. Voltastes á terra na modesta elaboração d'un acto naturalissimo e a vida que fermenta entre as raízes d'essas bellas e grandes ar-

vores viridantes vae buscar nos vossos cadaveres aquillo que lhe podeis dar:—a cada minuto un. átomo de seiva, tirado á tépida fermentação da vosa carne, outr'ora palpitante, porém banal, agora repousada, mas operadora do beneficio que a lei natural do transformismo obriga-vos a prestar-lhe.

Apraz-me sentir que o meu espirito se consolaria quando, após a extincção da minha vida, algum ente querido, depois do ultimo beijo, enterrasse-me o corpo em vossa companhia, ó eternos moradores do cemiterio da selva ! Julgar-me-ia feliz, com a satisfação e o orgulho d'este ultimo capricho realizado.

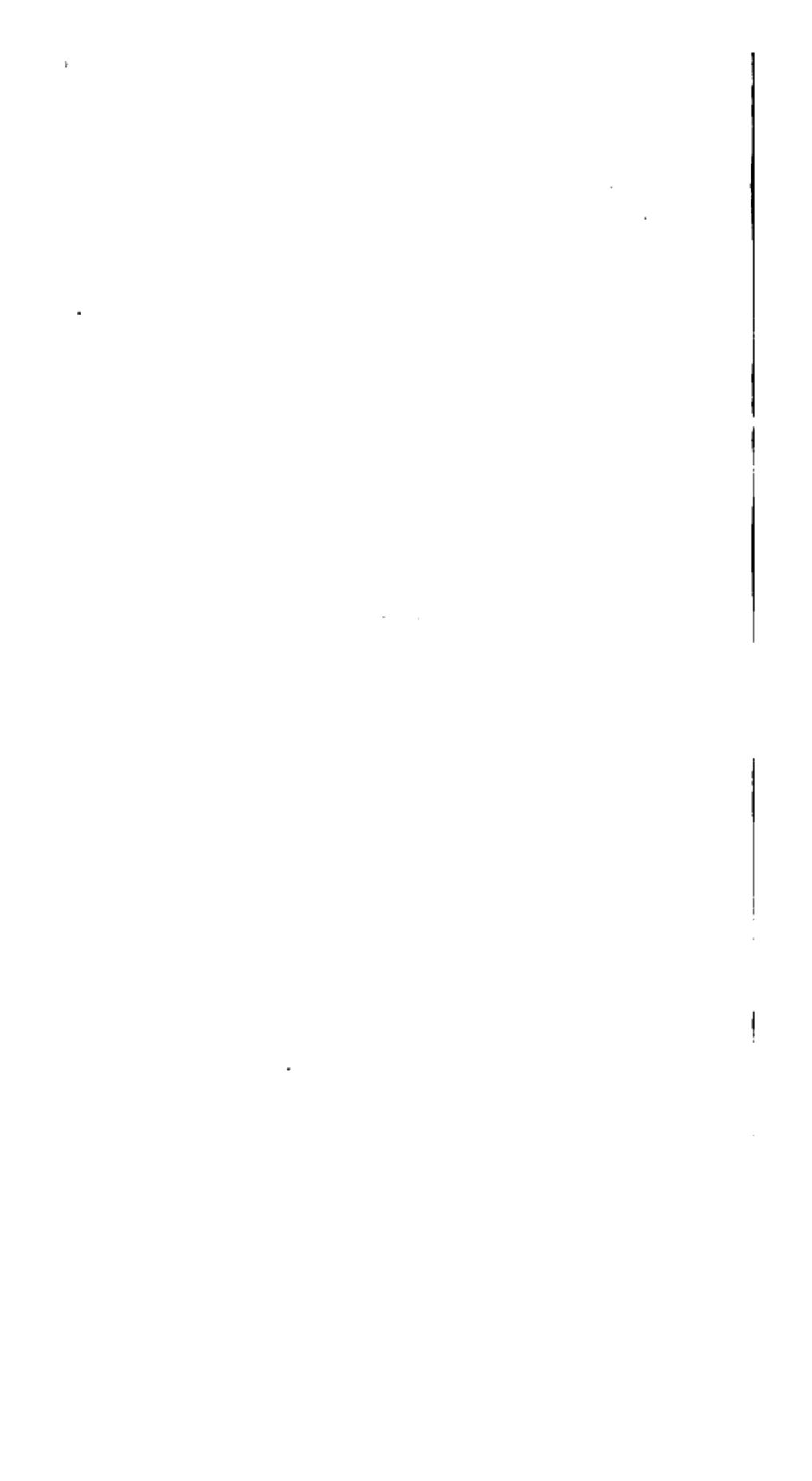
Teria, como vós, o suprêmo *requiem* dos trilhos dos passaros, do farfalhar das ramarrias densas, do desprezo dos raros viajantes n'estas longinquas regiões do Madeira

e dos murmurosos beijos do gorgolejante listrão aquoso que incessantemente corre, ora envolto no denso velludo tenebroso da noite, ora ostenta-se brunido pelas amplas disseminações de prata fundida que o sol por cima d'elle parece lançar ás vezes, quando o ceu, sempre misericordioso, não verte sobre vós, lugubremente, paternalmente, as piedosas orvalhadas dos seus largos prantos pluviaes.

Salvè, desconhecidos martyres da familia amazonica, eternos habitadores do cemiterio da floresta !

Rio Madeira, abril.

UM ANNIVERSARIO



## UM ANNIVERSARIO

---

À memoria de minha irmã  
À meu irmão.

Seis annos, hoje, que finou-  
se a mais santa das creatu-  
ras, a mais querida e amo-  
ravel das mães.

Perante a emotividade pro-  
fundíssima do meu ser, não  
tem hoje poder as largas  
pompas magestosas d'este  
romper de dia sereno sobre a  
paizagem assoalhada, vibran-  
te de esplendor, fremente de

canções d'aves silvestres. Ao contrario, tudo me parece melancolico, monotono, quasi hostil, porque recebo as impressões externas atravez dos meus sentimentos e estes concentram-se nas amaríssimas dôres excitadas pela inapagavel recordação da morte de minha mãe !

\*

Ha d'estas originalidades no fragil espirito humano : diz alegres os dias pluviosos, encontra-lhes graça, apraz-se em aspirar humidade na meia-sombra dos nevoeiros, — se algum prazer abala-o jubiloso; entretanto, encara indiferente ou raivoso as glorias da natureza; não tem um olhar para as galas triunphaes do espaço azul rutilante, acolchoado d'alvas nuvens pannejadas harmonicamente; enfastia-se e agasta-

se até com a passiva tranquillidade das coisas, com o chilrear dos passarinhos, — quando algum desgosto lateja-lhe no coração encarquilhado ao peso das grandes dôres supremas !

\*

Estou a recordar-me das funebres e tremendas peripécias d'aquella inolvidável tarde de 21 de abril, ha seis annos.

Uma pequenina alcôva de matrona, — grave aposento destituido de luxo banal, apenas confortavel. Ao lado d'um guarda-vestidos, pesado e bom, uma mesa coberta de frascos de medicamentos com etiquetas multicôres, borradas de receitas pretenciosamente escriptas em termos barbares, chocantes de ouvir, indicando venenos medidos aos millesimos, com mysterio.

Ao fundo, uma cama austera, toda branca em seus lençóis e colchas, sob os quaes desenhava-se um corpo longo, pouco amplo, de que apenas via-se, reposada em grandes travesseiras alvas, uma cabeça de mulher, encaixilhada em bastos cabellos negros, lustrosos, apenas aqui e ali, de longe em longe, irisados de fios brancos que desprendiam o brilho metalico da prata polida.

Os olhos, semi cerrados, fitavam um ponto unico da parede fronteira, onde um pequeno raio de sol, atravessando o arco de uma janella da sala, fixava-se insistente, como receioso de desapparecer além, atraç das casas da praça, ou desejoso de não abandonar, no meio-tom confuso d'um crepusculo precoce, aquelle quarto mortuário, em que estava para começar uma agonia. O olhar de minha

mãe persistia fito no lúmido circulosinho, que accendia de amarello a brancura da parede nua.

Quem sabe o que vêm os moribundos nos seus derradeiros momentos lúcidos? Que visões obsidiaram-lhes os últimos instantes, subjugando-lhes o espirito já tão enfraquecido, dominando-os poderosamente? Vêm pela ultima vez o goso de alguma ventura occulta, entristecem-se pela proxima separação do encanto da vida ou entrevêem já o beatífico descanso interminavel que aguarda-os no pó da sepultura?

\*

Quasi seis horas. Continuavam os olhos presos ao círculo luminoso, que subira mais, approximando-se do tecto, n'um deslizar de vida que se extingue suave.

Pelo rosto emaciado de minha mãe não corria sombra de sofrimento. As faces cavavam-se levemente, o nariz afilava-se, com a transparencia de cera dos entes que vão morrer. Entreabertos, os labios deixavam passar a respiração com um ofíejo ciciante e molesto, brandamente. Dir-se-ia dormitar a enferma, a não serem os olhos, agora um pouco mais abertos do que antes....

Em torno, alguns parentes vigiavam immoveis, com a expressão contristada, tránsida, que temos ao esperar a morte. A' cabeceira, de pé, encostada ao espaldar do leito, minha irmãsinha chorava em silencio, enxugava as incessantes lágrimas, sufocava os soluços, para não trair-se.

Quem atrever-se-ia a mostrar que soffria, perante a-

quelle resignado soffrimento  
que tão bem continha-se ?

Meu irmão igualmente que-  
dava-se perfilado , os olhos  
cravados n'esse rosto pállido,  
n'essa bendita fronte ebur-  
nea que a virtude aureolava,  
n'esses doces labios que pre-  
sentiamos frios, frigidíssimos,  
não obstante o ardente halito  
que esfrolava-os, já oscula-  
dos pela morte!...

Aquelles labios sonorosos,  
aquellos labios cantantes de  
mãe brasileira,—quem pode-  
ria mais galvanizal-os, fazel-  
os vibrar com o dulcíssimo  
affecto maternal que era o  
nosso ineffavel enlèvo na  
quadra festiva da meninice  
descuidosa ?

Onde iriamos beber os pru-  
dentes conselhos que esses  
puríssimos labios proferiram,  
deixaram cair em nossas al-  
mas como um desfiar de pé-  
rolas raras em taças de cris-  
tal?...

Quem seria, d'ali em deante, a amiga incomparavel, a santa companheira da nossa adolescencia ardente, a meiga representante d'esse encanecido vulto, — heroico prototypo da affeicao familiar, da honra, da dignidade, de todos os boníssimos sentimentos,—que foi o nosso Pae?....

Oh ! desgraçados que eramos ! N'aquelle impassivel expirar de tarde equatorial pomposa e abrazadora, iamos perder para sempre, — *para sempre!*—o nosso mais valioso dote, a vida de nossa Mãe!...

\*

Seis horas e poucos minutos. Desapparecera do tecto, sempre seguido pelos olhos da moribunda, o circulo luminoso, a despedida do sol á vida periclitante. Desmaiara mais, tornara-se apenas uma tenua mancha amarella, bre-

ve transformada em sombra quasi imperceptivel. Depois, esbatendo-se gradualmente, fôra supprimida. Desapareceu: começou a agonia na enferma.

E' doloroso assistir ao estertor dos moribundos. Terribveis embates soffremos na alma. Primeiro, o egoismo natural no homem, excitado pela lembrança de ir perder um ente amado; depois, a constatação de que nunca mais poderá gosar-lhe do convívio, ouvir-lhe a fala affectuosa, oscular-lhe a fronte calma, as faces sorridentes com a immensa candura da virtude. Porém onde haverá mais requintado, mais vivo e agudo soffrer, do que na propria sensação que experimentamos da agonia do moribundo amado? Em que sérrie de martyrios archi-excruciantes classificar esse desespero tôrvo, enlouquecedor,

vibrante, que em nós erguem a comprehensão das dôres a que assistimos e a impotencia de não podermos participar d'ellas, tomar para nós a maior porção, attenual-as um pouco, com o osculo das mãos acariantes e com a ternura emolliente dos beijos ultra-expressivos dos ultimos, dos suprêmos adeuses?...

Vinham-me ao espirito idéas estonteadoras, que levavam-me á meta da dôr. Ver soffrer a santa mulher que deu-me a vida, que tão feliz foi sempre em possuir nos braços enlaçantes os filhos queridos e amoraveis, era uma provação capaz de abalar-me a solidez da razão. E depois, ha sempre, á beira do tumulo de um ente que viveu em ligação intima connosco, uma evocação, rapi-díssima porém muito minuciosa, de todo o nosso passado.

E o meu passado... quão unido estava ao d'aquella moribunda, que em vão buscava, ao vaguear a vista já vidrada pelo aposento, o raio de sol que viera despedil-a da vida, dar-lhe á alma, por um momento, na hora extrema, a claridade immaculavel que ella sempre teve na consciencia, na honra!

Vi-me creança, buliçoso e festivo, sem um desprazer além do provocado pelas privações dos brinquedos. Vi-me em todas as situações da existencia, em todas as phases d'uma juventude agitada, em todas as peripecias das nossas viagens, das nossas diversões, dos nossos gosos. Em toda a parte, de qualquer modo que manejasse aquellas scenas retrospectivas, ella aparecia-me sempre como o misericordioso interprete dos meus votos de felicidade, o meu anjo tutellar, o amparo

inilludivel da minha inexperiencia, o meu aconselhador ajuizado como todas as bôas mães.

Quanta saudade, quanta, do meu passado extinto!...

\*

Alguém tinha ido á egreja proxima,—a dez passos d'ali, no lado opposto do largo,— pedir o soccorro da religião e um levita acudiu, balbuciando preces indistinctas, a ungir quem ia morrer.

A apparição d'um sacerdote que traz o extrémo sacramento a um enfermo apaavora sempre. Ante similhante visita, eu e meu irmão principiamos de novo a chorar,—nós que pensavamos já ter exgottado as lágrymas, tão abundante fôra, desde trez dias, o nosso pranto.

Retirando-se o padre,— sempre murmurando orações

em latim,—a agonia augmentou. Vizinhos tinham acudido, serviçaes e bisbilhoteiros. Causaram-me raiva, quasi molesto-os com uma demonstração mais evidente do meu enfado pela sua presença, quando desejara, a sós com os meus, receber o derradeiro alento da querida alma adoravel.

Porque ha de prender-nos a educação n'um circulo ígneo, impondo-nos dominio, heroicos fingimentos, até nos mais tremendos instantes da vida?...

Soluços mais rapidos de minha irmã fizeram-me esquecer esta série de reflexões, voltaram-me para o leito onde estertorava já a doce companheira da minha innocencia.

Acabei de comprehender este redobramento de chôro, vendo acercar-se alguém com uma véla accesa, que foi

posta entre as mãos afusadas  
e lividas da moribunda.

Minha mãe ia morrer ! Oh  
dilacerante, immensa dôr tra-  
zida por esta convicção !

Lancei-me de chôfre a  
beijar-lhe a fronte camari-  
nhada de suor, os cabellos  
sedosos, negros como a af-  
flicção de minha alma, as  
faces encovadas, os labios  
crispados, ágidos, por entre  
os quaes esgueirava-se um  
lacinante estertor crescente,  
que dizia demasiado a apro-  
ximação do momento fatal...  
Allucinado, pensei que a mi-  
nha vitalidade, a minha flo-  
rída juventude poderia rea-  
nimar, devolver á vida aquelle  
espirito immensamente ama-  
do e em vão tentava aquecer  
lhe o involucro com o arden-  
tíssimo, impotente contacto  
dos meus beijos filiaes !

Mas, de subito, houve uma  
cessação na agonia... Estar-  
reci... Iria minha alma in-

crédula defrontar um milagre?... Oh! Deus era bom, Deus existia então, além da lenda bíblica!... O rosto de minha mãe serenara, conservando, todavia, uma expressão retrahida, grave, como quem escuta a voz interior d'uma interessante evocação da existencia inteira.

Os cílios palpitararam longos, n'uma projecção calma de sombra nas faces. Brilharam os olhos, tranquillos de expressão e, vagoroso, subiu o olhar para o sitio onde cravara-se antes o raio de sol extinto agora.

Logo, porém, desceu, afim de erguer-se ainda, para minha irmã, para meu irmão, para mim... Demorou-se fito em minhas pupillas lacrimantes esse inolvidavel olhar, tão sereno como a tranquillidade da sua alma sem mácula, translucido n'uma expressão de quem medira o

alcance do grande minuto final.

Quem poderá estereotypar o ultimo olhar das mães aos filhos extremecidos?

Attonito, baixei-me a receber o afago d'esse olhar tão expressivo como um beijo mudo. O milagre providencial ia operar-se, de certo. Eu abençoava já o eterno Bemfeitor da humanidade... ingênuo no egoísmo do meu almejo.

Os labios, no entanto, descerraram-se. E, enquanto os olhos, um nada mais vítreos, vagavam sobre os trez rostos dos filhos surprezos, transidos de admiração e esperança, aquella bôcca lívida moveu-se no balbucío inextrincavel d'uma phrase indistincta que, certo, era uma prece, um conselho bom, uma bênção, um adeus!

E os olhos fecharam-se, no mesmo calmo palpitar dos

longos cílios, os labios contrahiram-se á passagem d'um suspiro mais longo,—um soluço dolentíssimo,—e a cabeça pendeu á direita, buscando o meu primeiro beijo a um cadaver amado, quente do ultimo esforço para dizer-nos com a vista a intensidade insondavel do seu carinhoso affecto!

\*

Ha seis annos passou o horrendo transe que prostrou-me louco sobre os despojos funebres da mais santa e querida das Mäes.

Dura sempre a dôr d'um filho amantíssimo ? Creio bem que sim. Investigando a in-calculavel profundez dos meus pezares, cotejando as impressões de hoje com as do anno passado, com as do outro anno, do outro e do dia em que estalou sobre mim a

grande fatalidade, verifico a persistencia da mesma dôr molesta, intima, enorme, saudosamente triste, que levanta-me no espirito uma raiva contra a gloria expansoa d'esta manhã rutilante e contra o gorgeio sonoro das aves, que estão, agora mesmo, a lembrar-me os doces cantos simples da infancia, quando, todo prazer e venturas, meu coração acolhia-se no tépido sacrario de affectos e caricias que era para mim o cólo amigo e protector da mais amoravel de todas as mães !

Onde estão os meus deliciosos sorrisos infantis de outr'ora? ...

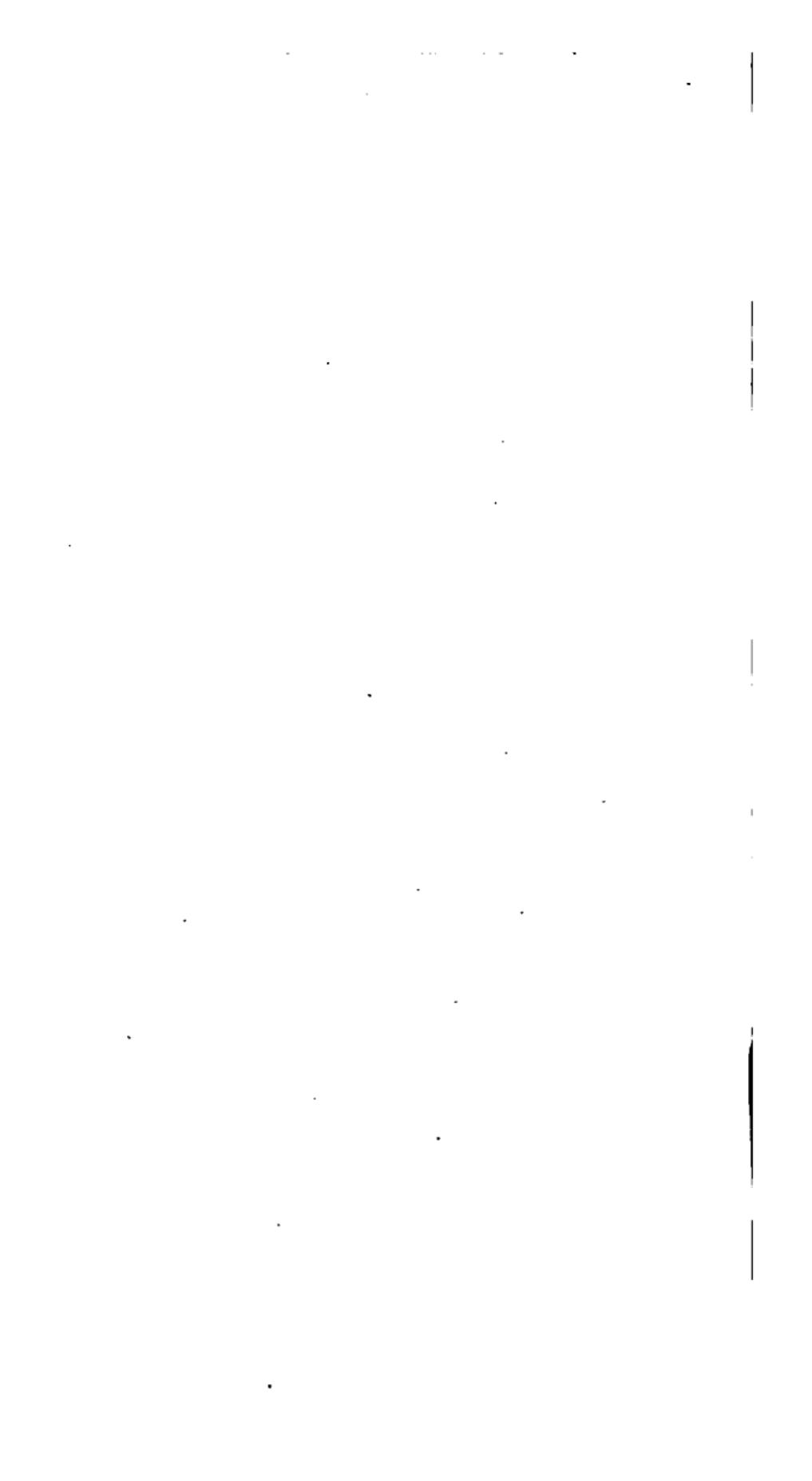
Rio Madeira, 21 de abril.

---

**SEGUNDA PARTE**  
**OBJECTIVISMO**



## A pesca do Deodato



## A pesca do Deodato

---

*Ào Sr. J. C. Lebato de Castro*

O tenente-coronel Fernandes salivou com estrépito para longe, afim de salvar a esteira que se estendia por baixo da maqueira e, ageitando no longo taquary pintalgado a cabeça de barro topetada de tabaco legitimo do Acará, prosseguiu:

—E' como lhes digo. A desobediencia aos preceitos da egreja traz sempre apôs si a necessaria e indefectivel pu-

nição. Bem o affirma o ditado:— "Deus castiga sem pau nem pedra." E' certo que, quasi sempre, a consequencia lógica da culpa atraza-se tanto, que o peccador impenitente prolonga uma existencia criminosa no meio da mais impassivel tranquillidade, como se possivel fôsse á justiça do ceu esquecer. Muitas vezes, porém, a pena succede-se á culpa sem notavel intermissione e, em todo o caso, o espirito prudente só tem novo ensejo para arrenegar do instincto maldoso do homem e colher no exemplo nova convicção da sabedoria celestial.

Calou-se, pigarreou, fitando com tenacidade, d'um modo quasi severo, o auditorio resumido e conspícuo: o Antonio Narceja, portuguez enriquecido n'um barracão á entrada do furo do Pagé; o Dr. Polycarpo Varella, juiz

de direito, cuja recente remoção para Salinas filiava-se a memoraveis façanhas eleitoraes, nos confins do Paraná, ao expirar a situação conservadora, havia poucos mezes e Felix Jacaré, um cabôclo muito republicano, sapateiro de officio, avô do pequenito que dormitava-lhe ao cólo, asgaravatando machinalmente o nariz com o dedo titubeante, a cara suja, os labios breiados de assahy, como breiado estava o peito do camisão de riscadinho azul e branco.

Bateram nove horas n'un relogio pendente da parede caiada. Fóra, bramia o mar. Pela janella aberta entravam, com a brisa, exhalações salinas e esse borborinho confuso e melancolico das noites em plena roça. No tecto de vigamento visivel, trilavam grilos. E, por intercâncias, a luz do candieiro

de porcelana pestanejava de leve, como se também por ella passasse o arripio misterioso das coisas tragicas que ali se falava ou se o apavorasse o tom soturno das considerações philosophicas do tenente-coronel Fernandes.

— Tem muita razão, acudiu Antonio Narceja, offerecendo obsequiosamente um phosphoro accèsio ao Dr. Varella, que sacára um cigarro de tauary.

— Conforme... obtemperou o Jacaré, cujo espirito de contradição era conhecido na villa.

— Vou dar-lhe um exemplo, compadre, retorquiu Fernandes, risonho e sereno.

Pigarreou de novo, tornou a salivar. Depois, ageitando-se na rede, enquanto os companheiros aproximavam curiosos os bancos, principiou.

Ha coisa de uns 25 ou 30 annos, vivia no Magoary um preto corpulento e encanecido, cuja edade ninguém poderia calcular e que toda a redondeza conhecia como sendo o mais ousado e feliz pescador da localidade.

Methodico, não passava um dia sem ir á pesca; afortunado, não atirava a tarrafinha sem depois puxal-a repleta de peixes! Era um assombro, um gosto admiralo em acção! Parece que rejuvenescia-o o mar. Qualquer que fôsse o estado do tempo, era infallivel encontrarlo todas as noites, pelas duas horas, descendo ao pequeno porto do barracão, a desencalhar a canôa e logo fazer-se ao largo.

E que saúde de ferro tinha elle! Jamais conhecéra um incommodo, uma dôr de cabeça! Rijo como o acapú. afrontava os temporaes com a impavidez do fatalista. E

pela madrugada, quem saisse á praia, não deixaria de des- cortinar muito ao largo, no mar alto, a pequenina luz intercacente da canôa do Deodato.

Era rendoso o officio. Quando voltava á casa, depois do nascer do sol, o pescador trazia atopetado o fundo da em- barcação. Ninguém o vencia na arte da salga, de tal modo que o seu peixe encontrava sempre melhores offertas do que o dos demais pescadores da costa do Magoary, quando os procuravam os comprado- res que iam revender em Be- lém.

Mas tinha um defeito o Deodato:—era um impio. De- veria possuir a alma igual á cutis, porque desprezava as leis de Deus e zombava im- pertinente de todos os mys- terios da religião e de todos os actos do culto catholico.

Em balde buscara algumas

vezes o padre Simplicio—conheceram?—trazel-o á reflexão e demovel-o ao respeito pelo Senhor. De tudo escarnecia o infeliz e, o que é mais revoltante, possuia phrases curiosas, sophismas fustigantes, objecções irrespondiveis, para combater os conselhos do sacerdote. Tudo era inutil. Não havia razão que o impedisse de ir á pesca ao domingo e dia santificado como em qualquer outro de trabalho.

—Você ha de acabar mal,  
—avisava o padre, entre cárinhoso e recriminativo.

—Milhor p'ra mim,—retorquia o hereje, sarcastico.

\*

Ora, uma tarde, era vespereira de não sei que dia santo grande. Creio que a Egreja rendia culto á Virgem sob a invocação de Senhora de Belém. Fazia um calor enorme.

O ceu estava claro, limpo, muito azul e tranquillo, como tranquillo estava o mar. Na praia arenosa, as ondas vinham desdobrar-se preguiçosamente, n'uma languidez ineffavel. Mas, ali perto, nos mattos, estalavam os galhos, causticados pelo sol. E muito ao longe, na linha do horizonte, alguns pontos sombrios, a custo avistados a olhos nus, pareciam nuvens vagabundas no espaço ou podiam ser barcas de pesca paralysadas á mingua de brisa.

No barracão, Deodato, semi nu, fumava, destrançando as rôdes. De vez em quando, assomava a cabeça á porta, a inspeccionar o ceu.

Com a grande pratica que possuia, adivinhava, presentia calma quasi completa para toda a noite. Era isto de certo que lhe dava esse pequeno rictus á commissura

dos labios e lhe encrespava levemente a retinta fronte. Maior trabalho seria o seu, pois far-se-ia necessario o remar por longo tempo. Em-fim, nem tudo podia ser feito á mercé dos desejos humanos... E volvia á faina, de todo absôrto, fumando sempre.

A' boquinha da noite, appa-receu um visitante inespera-do á porta do Deodato:

— Pôde-se entrar?

Era o padre Simplicio.

Sob o pretexto d'uma visi-ta casual, pelo facto de pas-sar ali proximo, ao regressar da roça do Xico Sette, o sa-cerdote penetrava com o in-tuito de verificar se o pesca-dor iria aquella madrugada entregar-se ao costumado trabalho.

A occupaçāo do Deodato mudou-lhe a suposiçāo em certeza.

— Não faça isso, homem de

Deus; olhe que a festa é da padroeira da cidade. Nossa Senhora não lhe perdoará a falta de respeito...

—Ella bem que s' importa co' a minha vida!—respondeu o preto, com um encolher de hombros que também poderia significar ao padre Simplicio o fastio que as suas observações lhe causavam.

—E se eu lhe pedisse que ficasse em casa, que viesse á minha missa, em vez de ir amanhã á pesca; se eu invocasse a nossa amizade, afim de ser attendido...

Teve Deodato um sorriso franco, dilatado, apresentando entre a dupla pôlpa dos labios os largos dentes alvos e disse com uma convicção profunda, com um tom sarcástico e decidido:

—Eu ia mesmo, sim, senhor!...

Não houve razões logicas, pedidos, ameaças de penas

eternas que o demovessem. O negro era teimoso. Retirou-se o padre amuado, quasi colérico, benzendo-se repetidas vezes no meio da escuridão do caminho, tauxiada de pyrilampos loucos e murmurosa do longinquo coaxar de rãs, nos lameiros.

\*

Ficando só, Deodato franziu a testa e, mordendo o labio, lançou contra o padre a reprovação tácita d'um gesto energico dos braços. O diabo do padréca que tratasse dos seus negocios. E esta !

Depois, comeu frugalmente, como de costume, um pouco de tainha moqueada e logo atirou-se á rede, vencido pelo somno.

Aquella alma de incredulo estava entorpecida inteiramente. Do contrario, teria

tempo de reflectir nas observações do sacerdote e quiçá algum sonho o prevenisse da sorte que aguardava a sua irreligiosidade. Mas o infeliz dormiu como uma pedra até que os galos das roças proximas soltaram no ar soecgado os seus cantos da madrugada, despertando-o.

Levantou-se o negro e, accendendo o farol, saiu com direcção á praia.

Trilavam grilos, como n'este momento em que lhes falo. Na noite calma, rebrilhavam estrellas, espelhando na superficie lisa do mar as suas cabecinhas irrequietas. Nenhuma aragem movia os arbustos, as arvores do mattagal. Coaxavam sempre as rãs, enquanto os sapos cururús dialogavam com entusiasmo. E, ao longe, dominando esses mil arruidos da noite, vibrava ainda o cantar dos galos, com um não sei

quê de profundamente triste,  
n'uma plangencia de alma  
condemnada . . .

Instantes depois, a canôa  
do Deodato fazia-se ao largo.  
Não havia sôpro de brisa. A  
calmaria era completa. Elle,  
desde a tarde, esperava aquil-  
lo mesmo.

Mas, apezar da edade, ti-  
nha ainda bons musculos o  
velho pescador. Remava á  
direita, remava á esquerda e  
o seu barquinho a pouco e  
pouco se afastava, impávido,  
cortando a vaga indolente.

A' pôpa, como de alcatéa,  
velava o farol, ia deixando  
pela esteira da embarcação  
um rastro luminoso, que se  
prolongava desmesuradamen-  
te, em direcção á terra.

Além d'este, nenhum outro  
signal de vida poderia en-  
xergar-se mais em toda  
aquella extensão de costa nem  
sobre a linha do horizonte,  
do lado do mar alto. Quem

se atreveria a ir pescar na madrugada do dia festivo consagrado á padroeira de Belém?

D'isto mesmo deveria recordar-se o Deodato, quando se achava já a mais de duas milhas de distancia, porque, fazendo meia volta ao corpo, olhou para traz e teve no rosto renegrido uma suprema expressão de ironia soridente.

— Tolos! — rosnou, volvendo logo a remar com furia, cravando a vista nas redes colhidas ao fundo da canôa.

\*

Meia hora depois, algumas pequenas nuvens sombrias tinham-se erguido lá muito ao longe, escalavam o céu, vinham galgando distâncias, desdobravam-se assombrosamente. Fitou-as o pescador, desconfiado.

— Ué! — exclamou. Vento ou trovoada?

Apezar da incerteza, ergueu o mastro, preparou a diminuta véla de muruxy. E estava contente, porque já não precisaria de empregar maior esforço. O remo já começava a cansal-o, que diabo...

Mas convinha aproveitar o tempo. Levantou-se ainda, tomou uma das rôdes e, com um gesto largo e facil, fez descrever um circulo por sobre a cabeça, lançando-a depois á distancia que reputou conveniente.

Colhendo-a, sentiu-a leve sobremaneira e não tardou em verificar que a estréa fôra de todo improductiva. Não viéra um só peixe!

Era estranho, porque aquele sitio já tinha fama de rico em cardumes.

Longinqua fulguração de relâmpago fez-o erguer o

olhar. As nuvens tinham subido ainda mais, haviam-se estendido em quasi dois terços do espaço, pareciam agora as pesadas colgaduras de uma camara ardente. Segundo relampago, muito distante, scintilou então. E uma pequena aragem soprou fresca do lado do poente.

Decididamente, ia cair a trovoada. Não podia Deodato perder um segundo: içou a véla, manobrou no sentido de aproveitar o vento. E assim afastou-se ainda mais de terra. Iria experimentar o mar a meia milha d'ali.

Quando, depois de lançar a rête em outro sitio, se dispunha a puxal-a, pareceu-lhe estar extremamente pesada. Um sorriso de alegria entreabriu-lhe os grossos labios. E então? Elle bem sabia que aquillo era infallivel!

Mas imaginem o seu assombro quando, depois de longos

esforços, conseguiu trazer á flôr da agua a rède que julgava repleta e de repente sentiu-a tornar-se completamente leve, encontrando-a logo de todo vasia, sem uma unica pescada !

Deodato não era homem para impressionar-se, porém não deixou de achar bastante estranho similhante facto.

N'esse momento, o espaço illuminou-se com um grande relampago, seguido do estrugir medonho do trovão.

O vento augmentara, passava agora sibilando nas cordas do pequeno mastro, enfundando a véla com raiva, arrastando a canôa n' uma furia, n' uma vertigem, á luz dos relampagos successivos, no meio de coriscos que esfusiam caprichosos por todos os lados.

Comprehendeu o negro que a trovoada ia ter maiores proporções do que as que lhe

atribuira ao principio. Nada mais poderia fazer n'essa noite. Aquillo era praga do Simplicio, pensava. Bem descontente, resolveu regressar. Quiz passar o panno para bombordo, porém não teve a precisa ligeireza e o vento, já de todo impetuoso, quasi invencivel, arrancou-lhe das mãos o chicote da espia e n'um momento arrebatou a véla em farrapos, n'um redemoinho sibilante pelo espaço.

Só lhe restava o alvitre da resignação. E elle, habituado ás inclemencias, affeito a mil e uma tempestades, sentou-se sereno á pôpa, depois de abaixar o mastro: resolvéra esperar o desenlace da crise.

O que presenceou então foi horrivel. Choviam raios á direita, á esquerda, por toda a parte. O ceu estava negro, agitado de ribombos infernaes, a cada minuto illumi-

nado tetricamente, deixando a descoberto as grossas massas das nuvens fugidias.

E o preto, longe de assustar-se, ali estava na barca, de braços cruzados, sorrindo com cynismo. O mar tinha um aspecto que se casava com a attitude hostil do espaço. Por toda a parte erguiam-se compactas collinas liquidas, escancaravam-se horriveis, hiantes valles phosphorescentes. Não chovia ainda, mas o vento, que zunia aos ouvidos do negro incredulo, cuspia sobre elle milhares de gottas salitrosas tiradas ás ondas freneticas, frementes.

De subito, a amplidão toda se convulsionou, vibrou n'um estrepito pavoroso, repercutindo um som innominado, jamais percebido pelo Deodato em situações identicas. Avermelhado clarão iluminou tudo, revelou aos olhos

do negro toda a magestade d'aquelle scena para a pintura da qual, meus amigos, não tenho senão palavras inexpressivas e phrases sem colorido.

Ficou estarrecido o pescador. Sentira que a fragil embarcação era com vigor sacudida! Mas a força que assim operava não vinha de certo do embate das ondas. E a canôa tremia toda, rangia, vibrava incessantemente, como se um braço de Adamastor a agitasse n'uns empuxões cyclopicos e intermináveis.

— Que diabo é is...

Não pôde continuar. Dean-te d'elle, rodeado d'uma auréola de chammas, tresandando a enxofre, emergia Satanaz! Levantou-se indizivel alarido: os raios duplicaram o faiscar, ribombos estalaram mais cavernosos. Por seu turno, o vento en-

grossou ainda mais as vagas,  
que chegaram quasi a cobrir  
o barquinho.

Porém só durou um segundo o estupôr de Deodato. Qualquer outro homem sucumbiria de medo. Elle, entretanto, como envergonhado d'esse instante de susto que tivéra ha pouco, arrastou-se com esforço, ergueu a meio o corpo ensopado e transido. Depois, levantando o olhar e o punho para o ceu, proferiu, ou antes bramiu feroz imprecação satanica.

O diabo,—porque era elle em pessoa que assim surgira do mar,—empunhara uma espia e, correndo, cabriolando por cima das ondas loucas, entrou a puxar o batel para o lado de terra.

Aquella corrida frenética durou um momento. D' ali a pouco, barco e tripolante desfaziam-se de encontro ás pedras d'uma enseada,

perto da capellinha do logar.

Viram os meus amigos a  
acção da justiça de Deus?

---

Calou-se o tenente coronel Fernandes. Estava offegante, com os labios sêccos, o olhar animado.

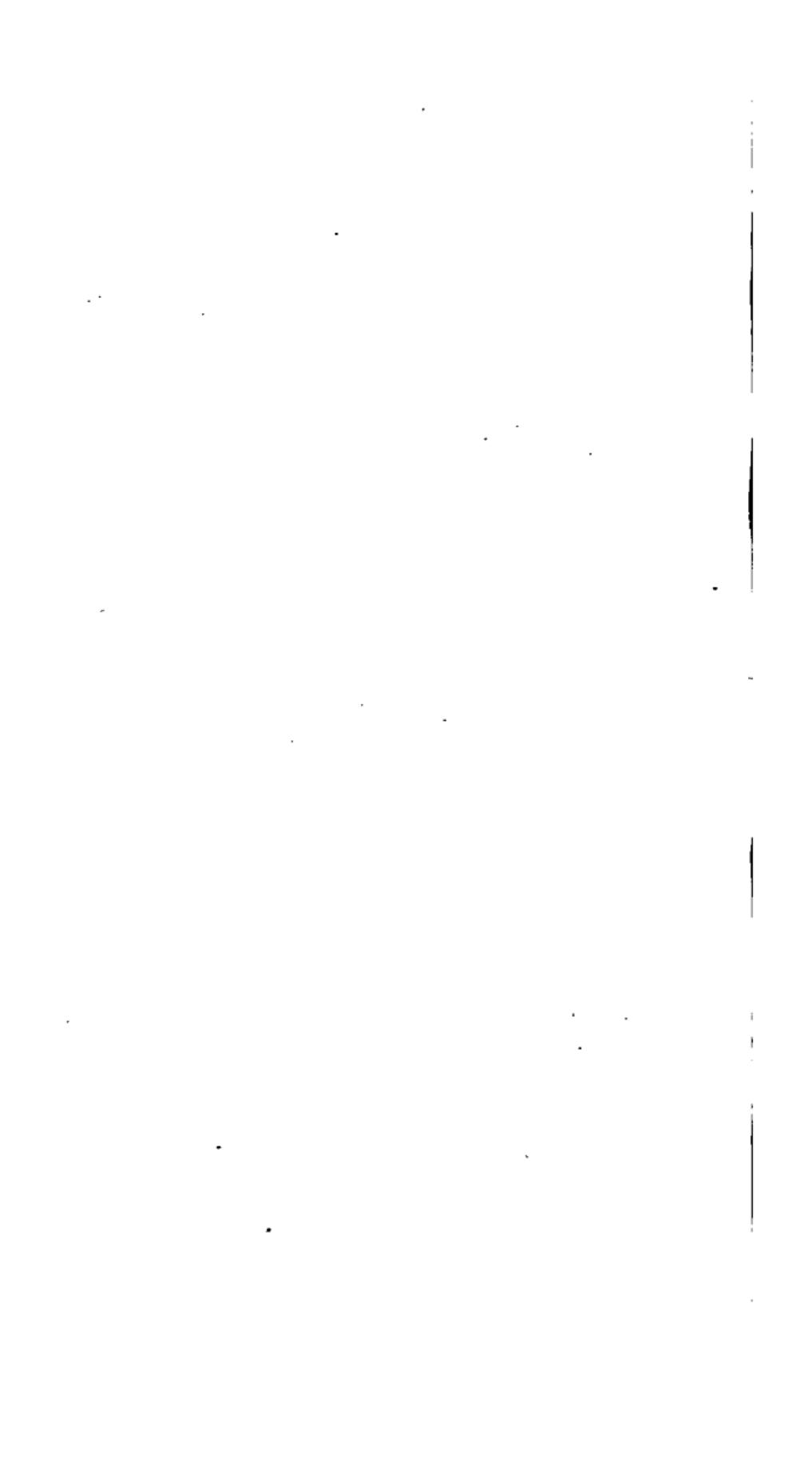
Mas resouu no aposento uma gargalhada stentorica, que despertou o molequito no cólo do avô.

Era este proprio, o Felix Jacaré, quem zombara d' a quelle modo. Logo, com entonação escarninha, ponderou :

— Não creiam n'essa balela de seu c'roné. O tar Deodato não foi pescá, ficou na rède muito socegado e despois sonhô essas coisa, 'hi 'sta. Seu padre Simpicio, antão, arranjô o resto ...

---

MATER DOLOROSA



## MATER DOLOROSA

---

*A Bellarmino Carneiro.*

Ante-manhã.

O vapor seguia rio acima, bem perto da margem, tão perto que, às vezes, as ramarias sussurrantes da floresta roçavam na coberta, extendiam galhos sombrios por de sobre a borda.

Ainda não haviam despertado as aves. O rio estava ali muito socegado, reflectindo o mattagal, banhando os aningaes avelludados. Não

começára o arruido de passaros com que a alvorada é recebida, mas persistiam, comtudo, os derradeiros murmúrios dos animaes e insectos noctivagos.

A bordo mesmo, à ré, tudo parecia descansar ainda.

Só o compassado resfolegar da machina denunciava que alguns entes velavam a meia-nau, attentos aos avisos do pratico de quarto.

Ao nascente, começava a esboçar-se uma tenue claridade,—o inicio do fugaz crepusculo amazonico. A sombria noite diluia o negrume n'um suave frouxel cincento, muito mal esboçado, indeciso quasi. Estavam longe as meias tintas côr de pérola e lyrio, precursoras das tonalidades rosadas e azues, que a seu turno precedem as estridencias rubras e alaranjadas, em breve esbatidas na tranquillidade definitiva dos

aspectos mais claros do dia adeantado.

Ia amanhecer.

Em uma porta de camarote, à pôpa, assomara um vulto sombrio de mulher. Esteve ali um momento. Logo encaminhou-se à borda, perscrutando a escuridão, por um lado, por outro, atentamente.

Aquelle vulto vestia um trajo simples, de rigoroso lucto.

Saudou-o da matta um silvo de passaro,—a primeira manifestação do despertar das aves.

O ambiente rescendia. Vinham da floresta virgem aromas capitosos de cumarú e baunilhas. Pelos cipós que desciam dos galhos, formando emmaranhamentos caprichosos, deviam escorrer as preciosas resinas que trescalavam tão fortes effluvios.

A mulher inspirou com

força. Queria banhar os pulmões n'aquelle olencia. Em seguida, suspirou um suspiro triste ; suspiro de viuva ? suspiro de mãe inconsolavel ?

Clareara um pouco mais. Já se percebia todo o labirintho de braços folhudos que as arvores estendiam no ar, em contorsões. Uma suavidade paradisíaca se diffundia na meia tinta da luz crepuscular. Era quasi sol nado. Os passarinhos já haviam encetado o canoro certamen, volitavam céleres. A' beirario, nenuphares ostentavam-se opulentos por de sobre as polposas folhas que pareciam caprichos de escultura em marmore verde. Mil floresinhos silvestres salpicavam a vegetação das margens, sem nenhum acanhamento de uma ou outra victoria-régia que se dignava mostrar-se entre os massicos dos mururés, os quaes rece-

biam da correnteza um brando movimento de balouço. E, de um a outro lado do rio, eram grandes bandos altíssimos d'aves aquáticas,—patos grans-nadores, pavõesinhos gembundos, garças, cegonhas, toda a migração alada dos desertos amazonicos. Estava ali a natureza intacta, no seu inalterado aspecto millenario, tal como a viram os primeiros habitantes, as tribus lacustres que fôram as raças autochtones.

O vapor seguia sempre adeante, rente a terra, na mesma monotonia. Aquella ascensão parecia o desvirginalamento d'um éden.

Iniciou-se a bordo a tarefa quotidiana. Alguns marinheiros apareceram trazendo baldes, desdobrando mangas para irrigação. Rompeu a subtis o sol, por além das mattas, n' um deslumbramento.

Fugiu veloz para o cama-

rote a madrugadora passageira.

\*

Horas mais tarde, o commandante atravessou o tombadilho, foi bater-lhe á porta. Seguiam-n'o trez ou quatro pessoas, que se conservaram a curta distancia, dissimulando a custo grande curiosidade.

Era de certo esperada a visita, porque, immediatamente, a mulher saiu a receber-a. Com a luz do dia, via-se que era uma anciã, de rosto enrugado e fronte encanecida. Não tinha aquella phisionomia outra expressão que a do mais fundo sofrimento. E os olhos brilhavam estranhos, muito negros e dilatados, entre longos cílios sedosos.

—Já estamos,—disse-lhe o commandante.

Ella penetrou de novo no aposento, masolveu passado um instante. Trazia uma corôa de saudades,—uma corôa tosca, evidentemente barata. E, com o sorriso triste, murmurou ao capitão uma palavra de agradecimento.

Depois, apertando com as mãos crispadas a humilde corôa sobre o coração, foi ajoelhar-se junto á borda, suspirando, soluçando, toda desfeita em pranto.

Ali perto, na floresta, rebrilhavam flôres de sonho,—extranhas orchídeas gigantes, catléas variegadas, osculadas de coleópteros zumbidores. Crescia triumphal o canto dos passarinhos.

\*

O grupo de passageiros arredára-se, n'um movimento de involuntario respeito por aquella sincera dôr ignorada.

No meio d'elles, o comandante sentou-se taciturno e falou :

— Não notam ? Estou emocionado. Ha doze annos que vejo, em cada viagem, duas vezes repetir-se este espectáculo e, no entanto, até aqui me não familiarisei com elle. A prova é que abala-me ainda, como da vez primeira que a elle assisti. Onde encontrar explicação para isto ? De certo que no immenso impulso d'essa dôr, na grandeza do sentimento que a provoca e que ha de haver compungido o coração dos senhores todos, não é verdade ?

O grupo teve um movimento igual de assentimento. Em algumas physionomias brilhava uma curiosidade inequivoca. Mas o capitão prosseguia :

— “ Vou referir-lhes a causa d'este espectáculo com que não contavam certamente os

meus amigos. Esta senhora é a viuva do antigo commer- ciante C. A., de Belém. O marido possuia seringaes no alto Madeira, administrados por um primo. Raras vezes vinha a estas paragens: a escala dos seus negocios no Pará impedia-o de visitar a propriedade, perto da fron- teira boliviana.

Tinham um filho unico,—o pequenito Anselmo,—um mi- mo de creança, que os se- nhores haviam de estimar se o vissem, uma só vez basta- va. Moreno, olhos negros e vivazes, tinha na franca physi- onomia alegre a manifesta- ção exacta d'um espirito aberto e elevado. Sympathico a valer, bem educado aos on- ze annos, todos o queriam sobremaneira.

Esta creança, um dia, per- deu o pae. Aquella senhora que ali está em pouco tempo soube que os seus haveres se

achavam reduzidos. Ella, que sempre vivera na abundancia, não teve uma palavra de queixa. Abençoando á memoria do eterno ausente, resol-veu retirar-se para o seringal, trabalhar como o ultimo cabôclo, afim de attender á instrucção do pequeno. Para este voltaram-se todos os seus affectos. Quem ignora ahi como sabem amar as dôces mães amazonicas ?

Dona Maria não tinha parentes proximos. Empreenden-  
deu a viagem sem saudades, n'este mesmo vapor. Trazia comsigo o retrato vivo do morto, cuja existencia era continuada na louçania dos onze annos risonhos da cre-  
ança.

A bordo, corriam felizes os dias. O Anselmito brincava sem pezares, tinha em cada passageiro um camarada. E a bôa senhora quedava-se horas esquecidas a fital-o de

longe, no enlèvo da sua alma reflexiva, folheando recordações posthumas, revendo saudades discretas.

Foi ha doze annos. Uma tarde, não sei que passara ao menino: estava mais brincalhão do que nunca. Ia por toda a parte, correndo, risinho, amavel com toda a gente. De subito, um grito resoou, acompanhado d'um brado d'alma, indescriptivelmente lancinante ! Olhem, ainda o tenho aqui, a vibrar-me nos ouvidos, esse grito de mãe desesperada !

O Anselmo cavalgara o parapeito, n' um instante de descuido de todos nós e, perdendo o equilibrio, rolara para o abysmo. Foi além, de frente d'aquella immensa sa-pupéma. Em breves minutos lá estaremos. Parou o vapor, desceram escalerres, fez-se inuteis pesquisas durante vinte e quatro horas seguidas.

O cadaver adorado não apareceu.

De então para cá—e quantas viagens tenho eu feito? —a infeliz mãe não deixa o *Mahissy*. O seu affecto retempera-se em passar incessantemente por sobre o sitio onde as aguas caudalosas do Madeira tragaram aquelle corpinho tão fragil e tão querido. De cada vez que por aqui singramos, dona Maria ajoelha-se lacrimosa e, ao chegar ao logar fatídico, arroja piedosamente ao rio uma corôa de saudades artificiaes. Não tem aqui flôres naturaes, a pobre; mas acaso não são bem viridantes as flôres do seu coração, as tristes flôres do pezar eterno?

Nunca mais foi a terra. O seringal, vendeu-o logo, pela metade do preço. Gasta o dinheiro em passagens para si, e corôas para o anjinho. Já devem estar bem reduzi-

dos os captaes da desgraçada. Causa-me isto uma las-tima profunda. Mas atten-dam . . . ”

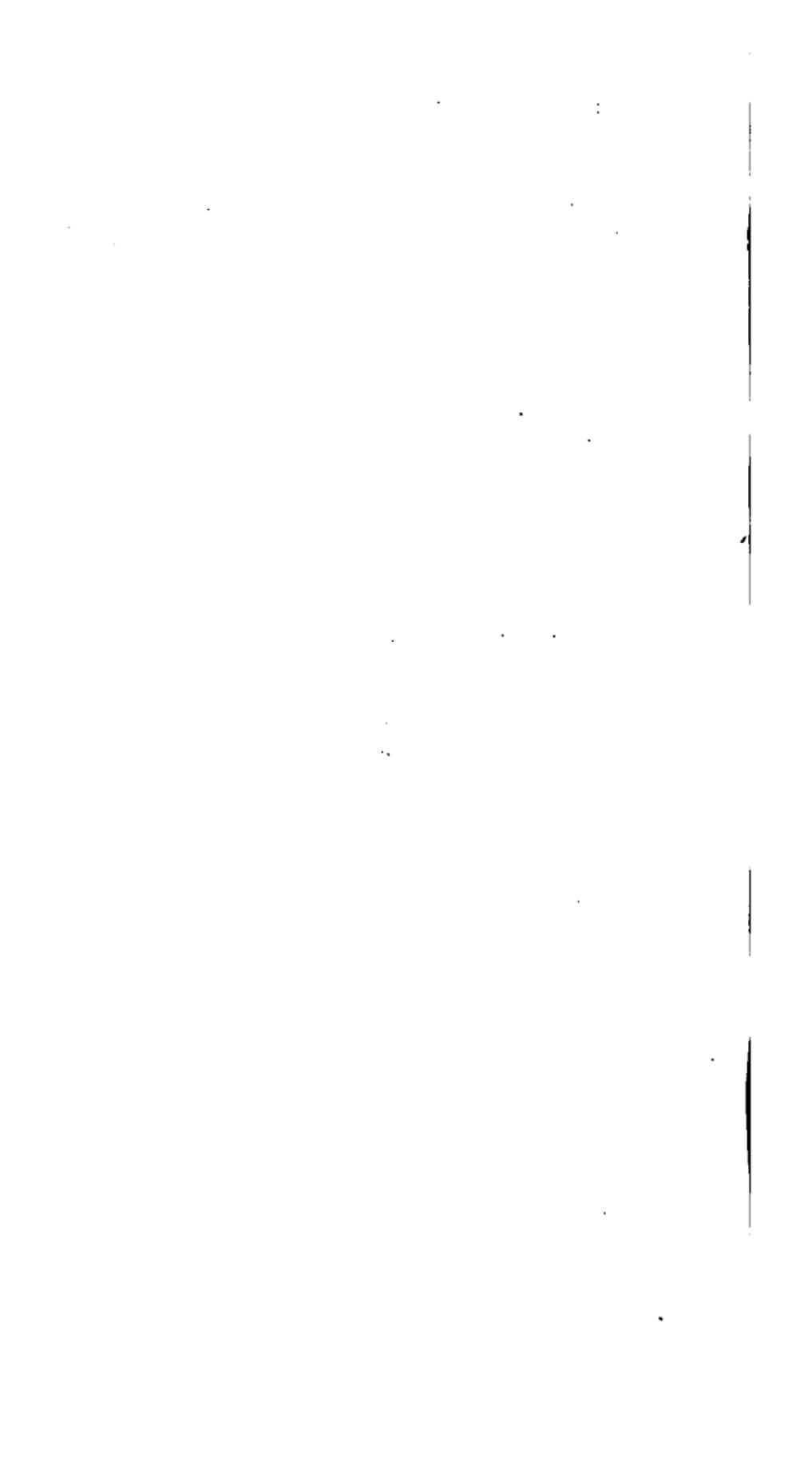
\*

Dona Maria erguera-se, n' um impulso desvairado. Le-vantou por cima da cabeça a mesquinha corôa toda banhada de sol e arrojou-a á agua.

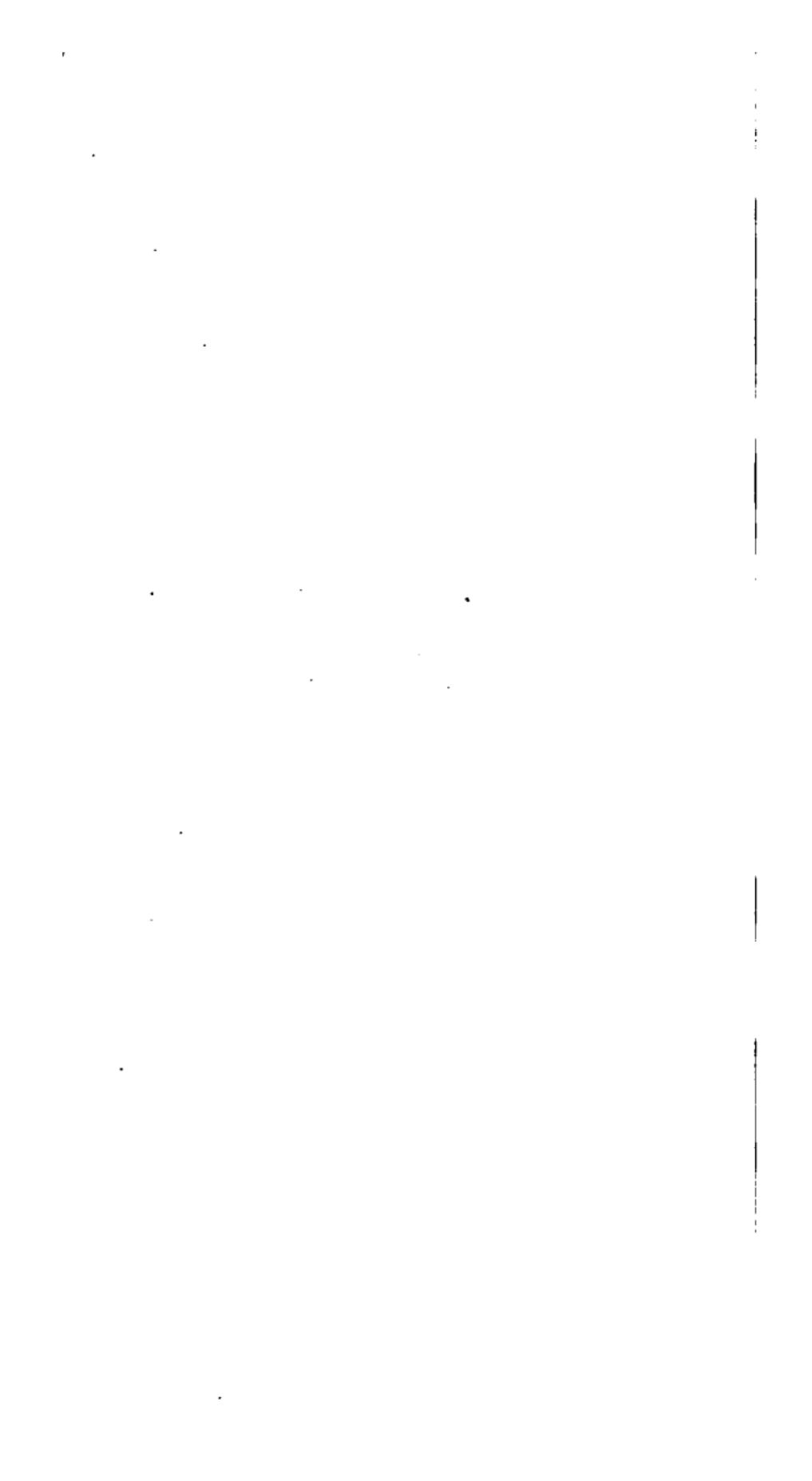
O rio tragou a funebre con-tribuição, fechou-se murmu-roso, em circulos concentri-cos. A anciã tornara a cair genuflexa, soluçante e trans-figurada no seu apaixonado desespero.

Em terra, bem á orla da floresta ancestral, mil aves garrulavam na copa gigante d'uma feroz sapupema secu-lar.

---



## Garas paraenses



## **YARAS PARAENSES**

---

No copiar da chacara, a quella noite, haviam-se reunido alguns vizinhos do comendador Esteves, o principal proprietario do Pinheiro.

Rèdes fechavam os angulos, pendentes dos esteios. Era uma roda de homens. Todos balouçavam-se, acalorados, aguardando o assahy que n' esse momento a mulata Josepha amassava na cosinha.

O luar de agosto penetrava em diagonal, diaphano, trazendo toda a melancholia profundissima das incomparaveis noites equatoriaes. Da

matta pouco distante, lavada de luar, vinha o monotono arruido dos insectos nocturnos, o alarido dos cururús teimosos. Na gaiola pendente do tecto sem fôrro, um caraxué silvava. E do rio, que corria ali perto, ao fundo da ribanceira, subiam com a brisa refrigerante os rumôres dos barcos de pesca fazendo-se ao largo, para a foz.

Fumava-se, conversava-se. Haviaj já discutido os negócios do dia, na capital. Esteves encetara mesmo um poucochinho de politica. Portuguez de nascimento, não queria immiscuir-se em assuntos partidarios; mas tinha por elles sua predileção e nunca deixava de externar uma ou outra opinião, sempre muito conservador e ordeiro.

N'essa tarde, viera com elle passar a noite na rocinha o velho Barriga, seu aviado do

alto Xingú. Era um caboclo adiposo, de ventre proeminente e face larga. Apparencia insignificante, matreirice innata: o typo commum do seringueiro indígena. Trouxera a mulher, que já estava recolhida ao quarto destinado ao casal.

Achava-se também presente o subdelegado Fonseca, antigo solicitador dos auditórios, agora enviado ao Piauí afim de preparar recursos para uma eleição proxima. Era esta a sua especialidade, ao que parecia. Em todo o caso, rendia mais do que a primitiva profissão. Um presidente vindo da Corte não tivera extraordinaria difficultade para convence!-o d' isto.

Mas a palestra veiu naturalmente a versar sobre assuntos do sertão. A um quint'annista de direito, que villegiaturava todo o anno,

explicara já o Barriga a pesca do pirarucú e o preparo da grude de gurijuba. O quint'annista era, n' este ponto, d'uma ignorancia absoluta: não admirava a sua curiosidade.

Os demais circumstantes escutavam n'um silencio discreto, bocejando. Nas intercadencias da narrativa, apenas se ouvia o ranger das escápulas pelo movimento das rôdes e o farfalhar dos galhos, matta fóra.

Uma voz reclamou um conto indígena, uma lenda amazonica. Não comprehendeu a phrase o Barriga. Quedara-se a olhar o interlocutor, cortado.

— Historias de bôto, do curupira, da mãe d'agua,— explicou o subdelegado.

— Han! — rosnou o cabôclo. Tudo isso é mentira, acredite!

— Como! Pois o senhor atreve-se a negar o que to-

dos no sertão asseguram ser verdade evidentíssima?

Sorriu o velho, superiormente. Tinha no rosto uma profunda piedade, pela boa fé do cidadão. Ergueu-se, afivelou o cós da calça e, espreitando para o lado do quarto da mulher, congregou os companheiros em círculo diminuto. Estava transfigurado: era um philosopho stoico.

— Vocês ouviram já falar em yaras, não? — perguntou. Pois é tudo mentira também.

E abaixando a voz:

— Só ha uma especie de yaras, — prosseguiu. Essas, porém, não vivem no fundo dos rios da minha terra, estão, ahi, na cidade; vi hoje á tarde uma porção, quando fui com seu Esteves tomar o vapor. São as mulatinhas cheirosas a periperioca e jasmims, sabem? as verdadeiras yaras encantadas. Mas pre-

cisamente não é para o abysmo das aguas que arrastam a gente!...

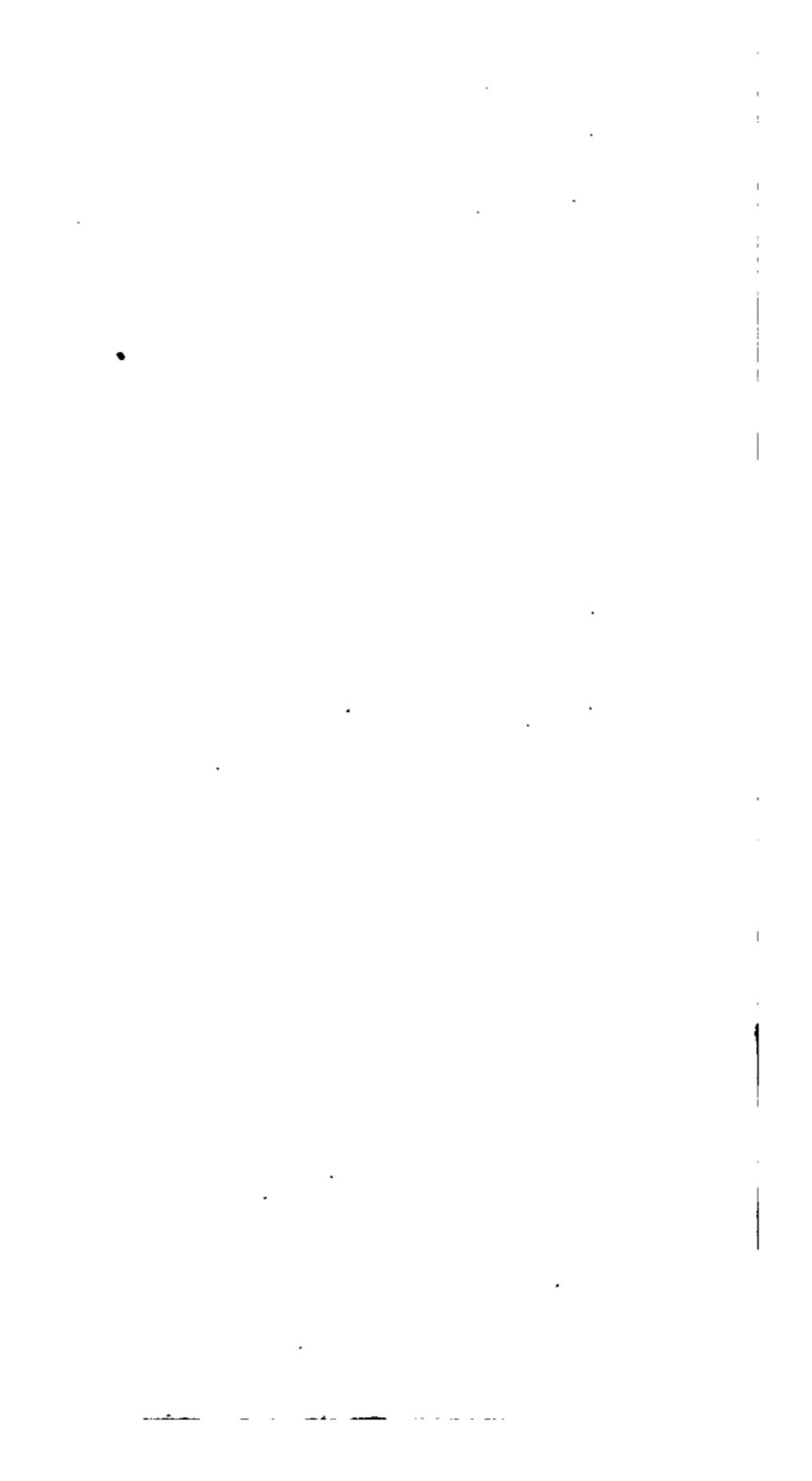
—Seu Barriga, venha dormir!—gritou no outro extremo do copiar a encanecida e rotunda esposa do velho caboclo do Xingú.

---

# Uma história de amor

---

(DOCUMENTOS HUMANOS)



## UMA HISTÓRIA DE AMOR

---

(DOCUMENTOS HUMANOS)

---

### PRIMEIRA QUINZENA

#### I

Senhor,—

Não posso attendel-o. Te-  
nho deveres sagrados a cum-  
prir, uma posição social a  
zelar. Esqueça-me.

(*Sem assignatura*).

II

Senhor,—

Julgo-o um cavalheiro e acredito-o sincero, por causa da assiduidade com que me procura. Acceito o seu convite para jantar,—mas somente no intuito de o dissuadir d' essa loucura que nunca poderá ser correspondida. Até logo.

ELISA.

III

Sympathico amigo,—

Porque insiste? Estimo-o como um camarada, quasi como a um irmão. Não posso, entretanto, perdoar-lhe a impertinencia:—meu marido nunca será enganado.

ELISA.

SEGUNDA QUINZENA

I

Bom amigo,—

Exactamente como o senhor, estou bastante incomodada por tremenda enxaqueca, que obrigou-me a ficar deitada até agora. A sua amavel carta, cheia de phrases tão meigas, traz-me certo lenitivo e me dá a energia necessaria para tomar a penna. Demais d'isto, a satisfação de escrever-lhe faz-me esquecer os proprios sofrimentos.

Não me agradeça tanto o serão de hontem, ao jantar. Se o sr. comprazeu-se com a minha companhia, o mesmo aconteceu commigo; não tenho, pois, merito algum

em fazer o que ditam os meus mais caros desejos.

Quanto mais conversamos, mais vou eu descobrindo no meu bom amigo sentimentos e gostos que correspondem aos meus. A surpreza reju-bila-me; similhante analogia de caracter e de idéas é demasiado rara para que eu deixe de admirar-me, sobre-tudo se encarar as barreiras sociaes que nos separam e a diferença de classe a que pertencemos.—A sua cartinha de hoje é uma pequena obra-prima de cariciosas phrases. Quero crel-o, desejo acredital-o. Já não posso duvidar do senhor. Julgo-o sincero, porque *nada* o obriga a ter procedimento igual ao seu. O sr. é demasiado su-perior de espirito para ligar tanta importancia a uma vul-gar questão de materialismo. Por consequencia, a logica me compelle a suppol-o fran-

co em seus sentimentos apparentes. Quanto a mim, entrego-me toda ao senhor, intellectualmente. Juro-lhe que sou sincera, mesmo—e sobretudo — nas minhas ingenuidades.

O sr. é sceptico, já m' o disse ; isto é, preveniu-me do trabalho que eu teria para fazer-me acreditar. Não ignoro as prevenções que tem os homens pelos sentimentos affectados. Todas as mulheres são enganadoras, volúveis, mentiroas, mas todas têm, comtudo, momentos de real sinceridade. Encontro-me em um d'esses momentos. E note, meu caro Jorge, que não digo isto para differençar-me das demais mulheres e tornar-me importante aos seus olhos. Não, porque possuo todos os defeitos acima enumerados. Melhor do que ninguém, sabe-o o senhor, porque estou prestes a

enganar o homem com quem vivo. Verdade é que esse homem é um imbecil e que nunca sympathisarei com tal categoria de caracter. Não digo isto para desculpar-me aos meus proprios olhos, pois só me importo com a minha consciencia e não com alheias opiniões. Digo-o, sim, á laia de informações a respeito dos meus sentimentos reaes, no intuito de fazer-lhe comprehender que, do senhor para mim e reciprocamente, deve estabelecer-se uma corrente de escrupulosa sinceridade, pela simples razão de que eu e o sr. não somos impellidos um para o outro por outro interesse que não seja o nosso capricho,—ou, se mais lhe apraz e para falar mais exactamente, pela especie de correlação que existe entre os nossos dois espiritos.

Como vê, sou mais franca

do que o sr. E' talvez um mal. Por principio, uma mulher, posto que enamorada, nunca deve revelar inteiramente a sua alma. Eu, porém, tenho-o na conta do mais leal dos homens, do mais generoso dos corações. Serei algum dia despertada cruelmente d'este adoravel sonho ?

Percebo que tenho ainda muitas coisas a dizer-lhe: tomo, pois, outra folha de papel. Ha de fazel-o sorrir tamanha expansão. Que quer? Tenho tantas phrases agitando-se-me na cabeça.... Emfim, perdõe-me. Desejo que o sr. me conheça bem e saiba completamente o que sou e o que quero.

Não imagina até que ponto aprecio a attenção tão firme mostrada para comigo, vae fazer um mez. Agradeço-lh'o deveras, porque isto me satisfaz immenso.

Lembra-se da carta em que lhe pedia que me esquecesse? Pois bem; hoje tem o meu querido amigo a razão por que lhe dizia essas palavras. Não o conhecia bem e receava affeiçoar-me demasiado a um homem cujas apparencias eram as de um aristocratico *viveur*.—Sinto que hei de amal-o, que hei de amal-o talvez mais do que o sr. deseja e o amor é, ás vezes, cruel tyranno intransigente e molesto. O sr. agora está prevenido: pôde defender-se. Não venha um dia lamentar-se pelo facto de haverem-se tornado demasiado serios os meus sentimentos.

Tenho o genio tranquillo. De temperamento frio, difficilmente me entusiasmo. Com respeito a questões graves, nada emprehendo sem antes prever os resultados do acaso ou do imprevisto. Nunca foi meu fraco a le-

viandade. E' por isso que faço questão de patentear-lhe a alma da mulher que o senhor tem deante dos olhos e que espero nunca será considerada com volubilidade.

Conhece-me agora, querido amigo. Esta carta é uma confissão: nunca fiz outra igual. Sem falsa vergonha revelo os meus defeitos e fraquezas, sabendo a quem os confio.

Falemos agora de coisas que interessam á vida phy-sica. Nada tenho a dizer-lhe sobre o ponto que trata do aposento em questão: aprovo o que fez. Veja que o ninho seja bem discreto, bem mysterioso, para esconder perfeitamente a felicidade que vae abrigar.

Até amanhã.

ELISA.

II

Jorge,—

Volto do passeio n'este instante com meu marido e encontro a tua carta. Então, meu querido, já estás mau e injusto sem motivo!

Em primeiro logar, dizes—*a senhora*, o que, na correspondencia, é um matiz bem accentuado de frieza. Não é bonito isso.

Depois, agastas-te sem razão. Não conheces acaso a minha existencia? Não ignoras que goso de uma liberdade limitada. Além d'isso, não temos ambos, eu e tu, as nossas respectivas obrigações? Differentes, sem dúvida, dir-me-ás, porém isso não impede que seja imprescindivel cumpril-as todas.

Tens graça affirmando que

eu podia arranjar um pre-texto! Invento-os todos os dias, mas lá vem um instante em que os argumentos minguan e mistér se faz pagar o tributo da propria presença, como hoje aconteceu.

Não sejas, pois, injusto:— eu soffreria bastante.

A vida que levo não tem alegrias para mim, acredita-me. E, se vens ainda augmentar-me os desgostos com recriminações que não mereço, ainda mais me entristecerás.

Amo-te, bem o sabes. Se não o crês, é porque impede-te o teu scepticismo. Como provar-te, entretanto, o meu amor?

Vê se sou corajosa: escrevo esta carta (e bem notas com que tranquillidade), deante de quem sabes. Não posso mostrar mais audacia, mais temeridade, parece-me. *Elle* anda ao redor de mim,

com olhares atravessados,  
que me encolerisariam se eu  
já não estivesse tão predis-  
posta contra elle.

Até logo. Não sejas tão  
mau com a tua

ELISA.

---

TERCEIRA QUINZENA

I

Meu querido,—

Vou mais uma vez enfatizar-te com a minha prosa  
quotidiana, porém agora te-  
nho uma desculpa:—estás  
doente.

Como te encontras hoje?  
Cada vez melhor, presumo-o  
e desejo-o com toda a mi-  
nha alma.

O tempo está mau, trata-  
te bem, não faças impruden-

cias nem affrontes o ar hu-  
mido e doentio da ruas la-  
macentas depois da chuva  
d'esta noite.

Muito penso em ti e soffro  
extraordinariamente por te  
não ver ha longos dias. Tu,  
meu amigo, que tão bem co-  
nheces o coração das mulhe-  
res, ainda desconheces o meu,  
que, no entanto, possues in-  
teiramente... ou antes, co-  
nheces demasiado a esse po-  
bre musculo e é por isso que  
ás vezes o fazes soffrer bas-  
tante.

Adeus, meu amor. Trata-  
te com cuidado e recebe toda  
a ternura da tua

ELISA.

## II

Jorge,—

Depois do que se passou  
hontem á noite entre nós,  
tomo a prudente resolução  
de libertal-o da minha pre-

sença, que o importuna de certo tempo para cá. Esta carta é a da sua alforria: sae ao encontro das suas intenções, que, mais hoje, mais amanhã, seriam propostas de certo.

Não me surprehende a sua conducta. Sinto não haver-me equivocado, porque amava-o. O sr. é muito caprichoso e nunca teve affeição por mim. Nunca houve no mundo caracteres tão deseguaes como os nossos. Os nossos gostos e sentimentos andavam em regiões absolutamente oppostas, bastante tarde o comprehendo.

Adeus, por tanto. Cure-se, restabeleça depressa a saúde, que eu desejava saber completa, mesmo sem nunca tornar a vel-o. Adeus.

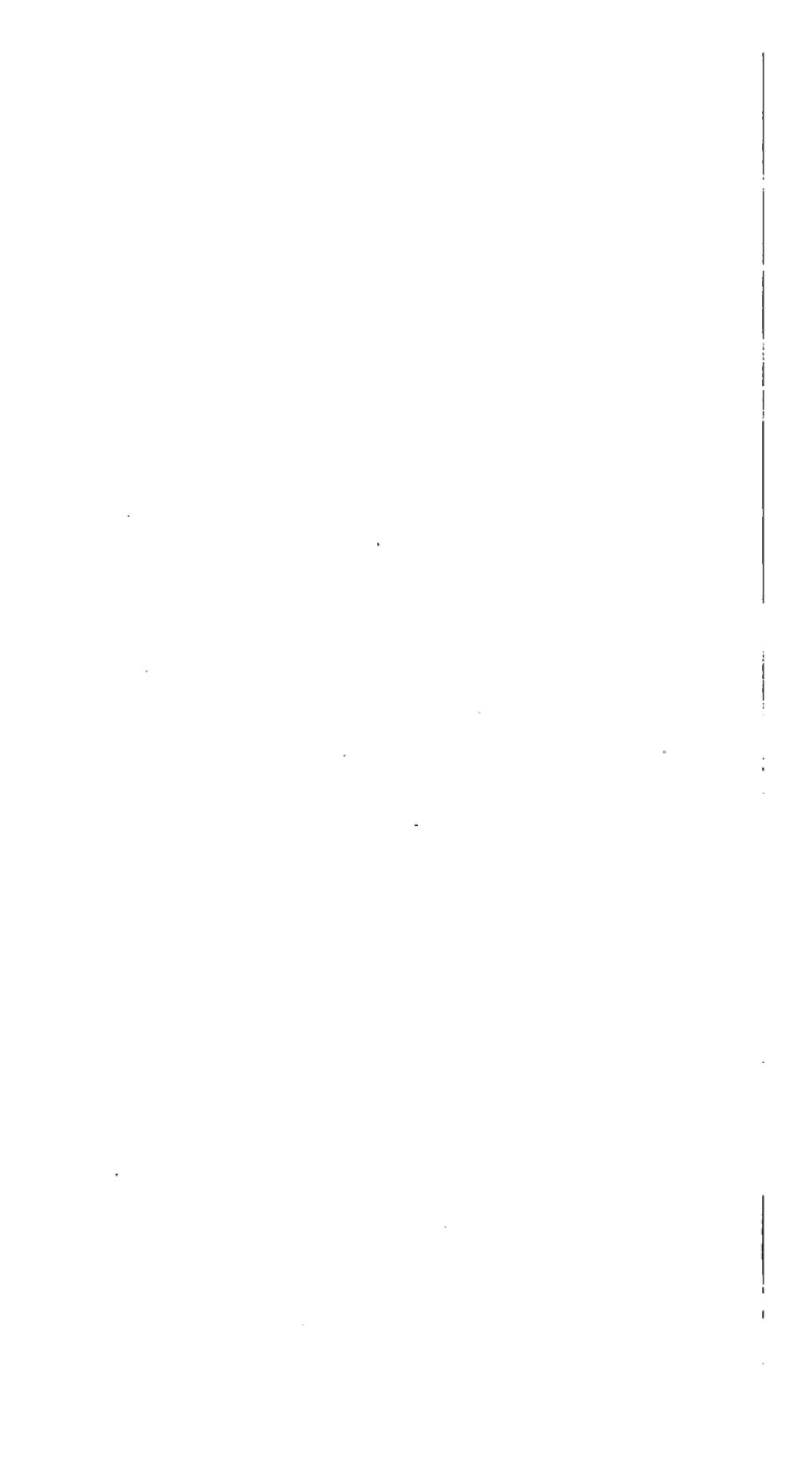
ELISA.

---

Conforme.

---

A filha do pagé



## A filha do pagé

---

A Martin Garcia Mérrou.

### I

No rio Negro.

Das margens, nenhum som de vida animal perturbava a tranquillidade das coisas. A pino, o sol mordia as densas vegetações sombrias, fustigava tenaz uma ou outra borboleta vagabunda sobre os nenuphares exhaustos. O rio seguia monotono, n'um esvaimento; apenas pelo meio,

lá ao largo, a correnteza fer-  
via em cachões, borbulhava  
entre escumas alaranjadas,  
depurava-se de todos os re-  
síduos que acarreta a grande  
arteria aquática.

Pela beirada, aproveitando  
o remanso, ia subindo vaga-  
rosa, impellida pelo remo de  
pá, a canoa de pae Francisco,  
o velho pagé de Cur-  
ralinho.

Vinha de longe, o solitario  
viajante. Emprehendêra a  
operosa navegação, que al-  
mejava fôsse a sua ultima  
ascensão para o centro, em  
busca do absoluto socego  
onde podesse sondar a sua  
dôr e dar largas ao pranto  
que não seccava ha seis me-  
zes. Fugia do logar onde fôra  
feliz e poderoso. Além, no  
mysterio das florestas intac-  
tas, na grandiosidade da na-  
tureza virgem, havia de en-  
contrar o lenitivo para as  
amarguras da alma lacerada.

Uma ternura afagava-lhe o espirito, onde renasciam vislumbres de esperança. Esquecer o passado, não o desejava. Seria buscar o impossivel. A que ousava aspirar, n'uma humildade de supersticioso, era a pacificação circumdante, para rever a seu gosto agridoces saudades, resuscitar as reminiscencias, fruir as meigas recordações dolorosas dos tempos idos. Era isto querer em demasia?

Remava sempre, semi-nú ao centro da embarcação, com o dorso exposto à solheira, suarento, a cabeça ora para deante, ora erguida, no movimento dado ao remo. Nada via do lado da terra. A vegetação crescia opulenta, emmaranhara glaucas barreiras invenciveis de raizes, troncos, rainagens e lianas. Por cima de tudo isto, palmeiras carregadas de fructos tra-

pejavam brandamente e dos galhos, d'entre massiços mais claros de folhagens tenras, pendiam as orchídeas, na gala aristocrática dos seus caprichosos matizes.

A's vezes, adeante da canôa, pinchava um peixe assustado, levantava inúmeras gottas, achamalotava de arripios fugitivos a negrura do remanso. Mas o velho quedava-se impassivel, remando sempre, fixo na idéa de fugir de Curralinho. O aspecto exterior do mundo não o interessava ; debatiam-se-lhe tumultuosamente no espirito milhares de pensamentos retrospectivos, um só dos quaes era bastante para dominar-lhe a attenção inteira.

---

## II

Era simples a historia d'  
esse homem.

Nascera e crescera em Cur-  
ralinho. Filho d'um antigo  
cabano, fizera-se pagé quan-  
do lhe morrera o pae.

Desconhecido ao principio,  
teve de esperar paciente que  
os seus feitos o acreditassem  
na populacão, trazendo a  
pouco e pouco o exito que  
tamanha fama lhe grangeou  
depois. Ao chegar á edade  
madura, — estava definitiva-  
mente consolidada a sua re-  
putaçao. De muitas leguas  
ao redor, vinham durante o  
anno centenas de pessoas re-  
correr-lhe ao talento com a  
fé cega dos supersticiosos e  
dos crentes.

Uns,—a nata da gente culta de Curralinho,— tinham-n'o na conta de brégeiro especulador. Mas a parteira Eudoxia proclamava convicto sincero devotamento de pae Francisco áquillo a que ella, com um pouco menos de propriedade na expressão, chamava o seu sacerocio. Levava mesmo o espirito justiciero a assegurar, com a responsabilidade do testemunho evidente de cem pessoas, que, para resolver uma situação difficil de puerperio, mais valiam as imposições cabalísticas da dextra do apregoado pagé, do que toda a sua longa pratica, d'ella depoente insuspeita, associada á infallivel interferencia de São Raymundo Nonato.

Especulador ou convicto,— não vem a pélo esmerilhar o fundo d'aquelle caracter. Talvez mesmo tivesse elle as duas qualidades que são,

quasi sempre, o acúleo do seu e de identicos mestéres. O que havia de positivo era a adoração que sentia pela filha,—um encanto de caboclinha rechonchuda e capitosa, que lhe déra a companheira, momentos antes de morrer. Fôra essa a unica vez que falhara a sua scien-  
cia de mago. Será verdadeiro o aphorismo de que santos de casa não fazem milagres?— perguntava, benzendo-se trez vezes, a velha Eudoxia.

Toda a villa conhecia e estimava a repariguita. O pae tinha-a fóra de casa, com a gente d'um amigo intimo. Ia vel-a todos os dias e passavam longas horas sem que elle interrompesse o affectuoso colloquio, que tão deliciosamente banhava de inenarraveis venturas o seu singelo coração.

Que gloria valia a de ser pae de similhante creatura?



### III

Creara-a elle proprio, desde os primeiros dias da dupla viuvez do seu corpo e da sua alma. Descrever toda a serie de cuidados, de attenções, esperanças e sustos desenvolvidos por pae Francisco, seria traçar o poema de um heroísmo commun no bendito solo amazonico.

Fôra elle a sua ama sécca, —mas disvelado como nenhuma. Tinha um geito especial para amimar a pequenita creatura, apaparical-a com terna bondade, que era um gosto espreital-o no desempenho d'essa função providencial. Havia, assim, n'aquelle estranho ser, duas

entidades heterogeneas, uma dualidade admiravel, que tão profundo contraste estabelecia entre o terrivel feiticeiro abracadabrante e o pae melifluo, de olhos deslaçados em sorrisos de adoravel meiguice.

Quedava-se o caboclo, a cada instante, longo tempo a rever na face inexpressiva da creancinha as feições d'um ente extremecido, para sempre entregue á dissolvencia definitiva, no sombreado cementerio da villa. O seu affecto fazia ricochete na muralha da morte e volvia infirado de carinhos, fulgido de enternecidas esperanças, a formar a aureola transcendente que exalçava o futuro da creancinha.

Felicia chamara-a, n'um augurio de ventura. Quantas horas não ficava absôrto, à beira rio, sonhando acordado mil felicidades para o enlèvo

da sua alma solitaria, para a filha idolatrada que ali medrava a seu lado, na força da vida ao ar livre, sem peias physicas a entorpecer-lhe a pujança da infancia?

Vieram, mais tarde, outros cuidados. Necessario se tornava dar forma a um espirito vivo, a uma intelligencia agil e vigorosa. Já não bastavam as attenções materiaes. A *ama secca* devia tornar-se n'um educador perfeito e elle soube sel-o com exito, no seu meio, nos limites da propria visualidade espiritual. Não têm as almas, ainda as mais simples, um mundo de idéas sãs, um thesouro de sentimentos puros, tão efficazes na comprehensão dos deveres moraes?

A *philosophia* do pagé de Curralinho era singela como a simplicidade da sua existencia, vigorosa como a pujante natureza circumdante.

Mas a creança da vespera tornara-se mulher. Novos sobresaltos para o pae. Não lhe bastava a convicção de lhe haver insuflado á alma os mais sãos conselhos. Uma nuvem de desconfiança lhe entenebrecia o coração. Os sustos perseguiam-n'o sempre, mesmo no meio dos sonhos agitados. A sua preocupação constante era esta: amparar a filha contra o assalto da concupiscencia. Se houvesse necessidade de comparal-o a algum personagem do romantismo, nenhum vulto era mais adequado ao símilde do que o do apaixonado Iruão de Francisco I.

Pozera-se de má catadura, encanecera, tornara-se ríspido e intolerante com todo o mundo. Em cada individuo via um ladrão da sua felicidade. E, nos dialogos com a filha, ao luar, ao longo da ribanceira, dominando o

Amazonas, tinha encantadoras expressões de meiguice, phrases cariciosas como osculos de creança animada,— admiraveis esforços para prender e enleiar definitivamente um affecto que elle receiava— ou adivinhava?— perder um dia. Esta unica idéa lhe dava febre. Era, então, n'uma languidez voluptuosa e pura, que recebia os beijos filiaes da virgem, perfumada a periperioca, agitada n'uma ternura reconhecida.

---



## IV

Este encanto durou pouco. Felicia amara, alfin, outro sér estranho, com um novo sentimento cuja diversidade reconheceu tão grande, que não teve animo para confessal-o.

Ignorando tudo, o pagé contemplava satisfeito, na apparente tranquillidade da caboclinha, o tão producto dos seus conselhos.

Um regatão de longe—lá das bandas de Macapá—fôra o perturbador d'aquelle singelo coração. Era moço, valente, um bello typo de taurina varonil. A sympathia da rapariga fez-se primeiro enthusiasmo doidivasas, as-

sumiu depois as proporções de violenta paixão.

Felicia não tinha já a mesma fixidez attenta no olhar quando a encarava o pagé. Distrahida, oppressa por vago mal estar, buscava a solidão, isolava-se por gosto. O pae attribuia esse estado a causas puramente physicas. Entretanto, quem surgisse, alta noite, por perto do copiar da casa onde vivia a moça, havia de enxergal-a nos braços do regatão, soluçante de amor, gemente de desejos.

Não podia prolongar-se o novo estado de coisas. Um dia, ao amanhecer, foi o pagé avisado que lhe fugira a filha. Por uma reveladora coincidencia, desapparecera também do portosinho da vila a canôa do regatão.

O velho cambaleara, cairá sem sentidos. Trez semanas esteve á morte, ardendo em

febre, delirando entre pesadêlos horríveis. Todo o povoado emocionou-se à narração de tamanha dôr. Os mais endurecidos corações, aquelles que chamavam feiticero e perverso a pae Francisco, tiveram para elle um movimento de sympathia, uma pontinha de dó.

Eudoxia, entretanto, não ficara socegada. Varonil, resoluta, organisou, com o auxilio de dois amigos que equivaliam a duas dedicações poderosas, uma expedição em busca de Felicia.

Alguém disséra que o regatão tomara o caminho de Gurupá. Na mesma direcção seguiram a parteira e seus auxiliares. Dois mezes depois —nem tanto, talvez— estavam de volta. Recebeu-os o velho n'um desanimo, com um sorriso triste, quasi idiota, na face desfigurada.

Tudo inutil. Felicia morrê-

ra em viagem. Havia-a destruído a variola. O regatão enterrara-a n'uma escarpa e ficara louco, ao abandonal-a para sempre á orla da floresta, sob uma chuva interminável de flores capitosas.

Pae Francisco manteve-se calado, imperturbável; só dois grandes fios de lagrymas deslisaram-lhe pelas faces, cortando o rictus que a immensa dôr formava em cada commissura dos labios.

Meia hora depois, elle também partia, sem despedidas, n'uma canoinha leve, subindo o Amazonas.

Eis porque, ha pouco, o encontramos, lavado em suor, a cabeça ora para deante, ora erguida, no movimento dado ao remo. Ha alguns mezes já que saiu de Curralinho. Segue pela beirada, aproveitando o remanso do rio Negro.

Foge do logar onde fôra

feliz. Não terá direito a aspirar ao lenitivo para a alma lacerada?

Como nenhum som de vida animal perturba a tranquillidade das coisas, está perscrutando a intensidade dos proprios pezares, sopesando a agonia do coração encarquilhado.

Vae sempre para o centro, n'uma ascensão dolorosa, martyr da boa fé. No espirito, afagado por indefinida ternura, renascem-lhe vislumbres de esperança. Não é que pretenda esquecer o passado. Busca apenas o socego absoluto das florestas intactas, para dar largas ao pranto que não secca ha seis mezes.

Demais, no meio da pacificação circumdante, não poderá elle rever a seu gosto agridoces saudades e conversar baixinho, muito baixinho, com a sua querida Felicia,—

não a fugitiva,—mas a outra,  
a pequenita, a que o preferia  
sempre, aquella que elle cre-  
ara como ama secca e ainda  
conservava pura e infantil  
no fundo do amantíssimo  
coração?

---

# INDICE

---

## PRIMEIRA PARTE

### Subjectivismo

---

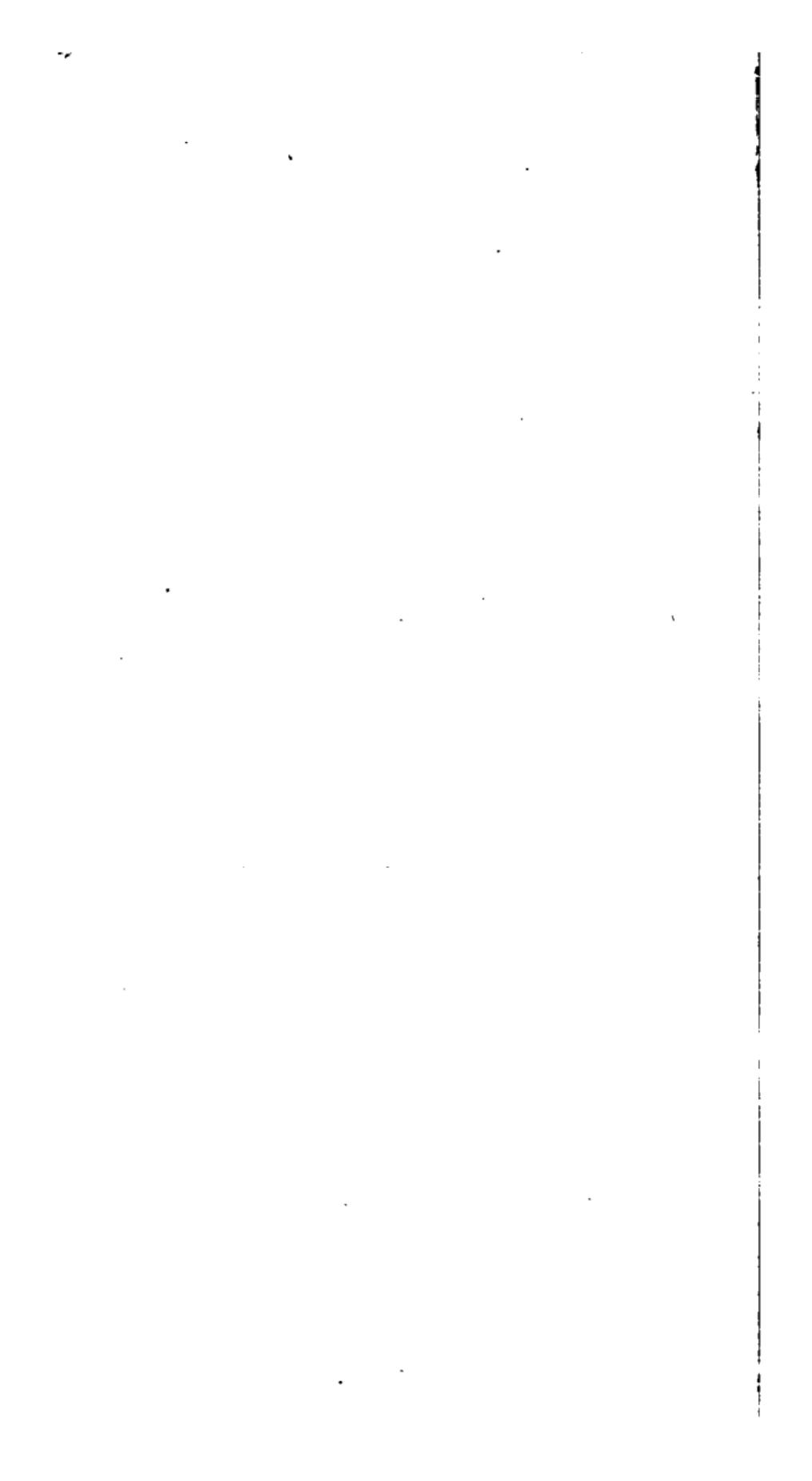
#### Paginas

O isolamento .....	15
Gaivotas.....	27
O naufragio do "Purús"	39
Brinde a minha filha...	49
O cemiterio da floresta.	57
Um anniversario .....	67

## SEGUNDA PARTE

### Objectivismo

A pesca do Deodato....	89
Mater dolorosa.....	113
Yaras paraenses .....	129
Uma historia de amor..	137
A filha do pagé.....	153



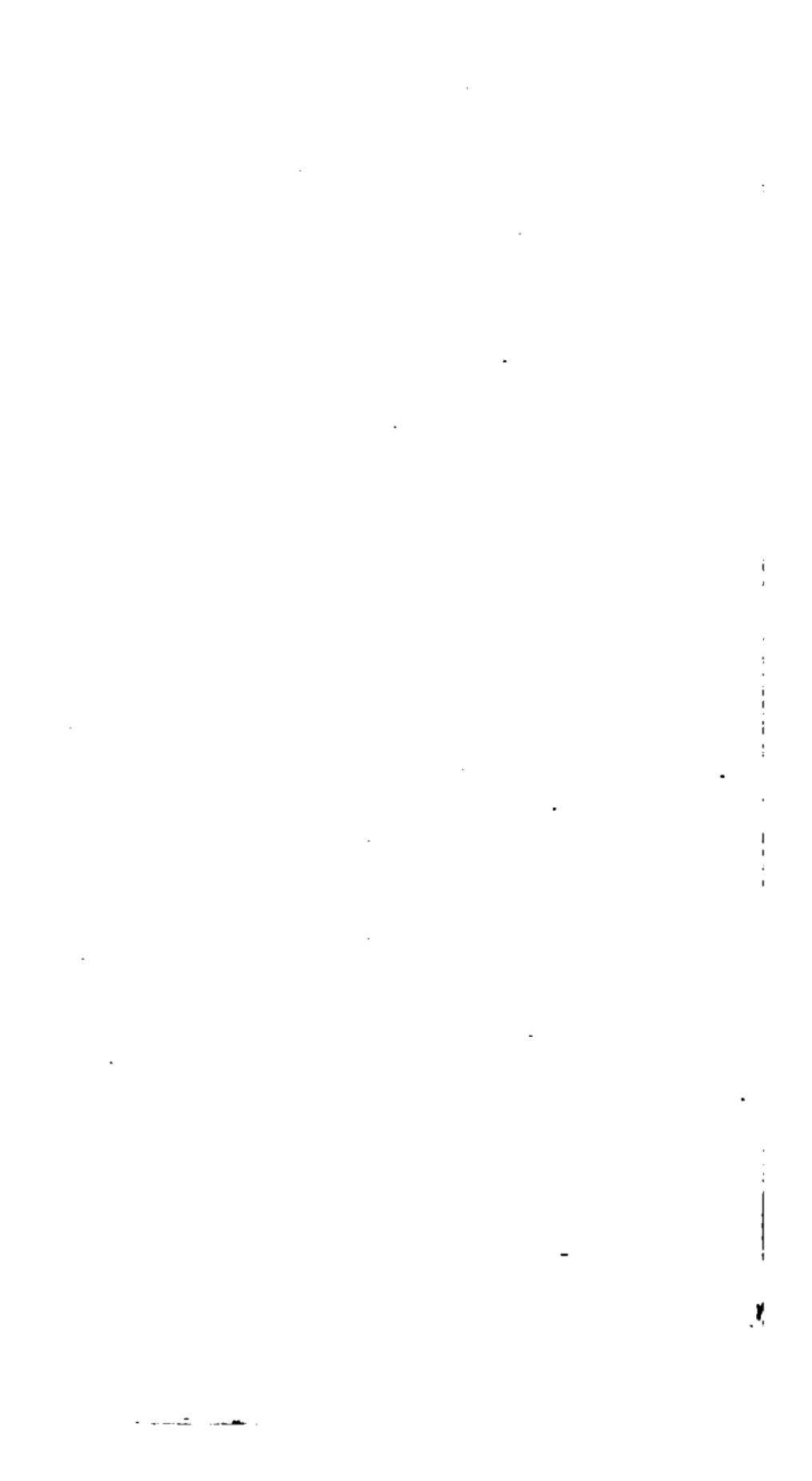
## ERRATAS

Os principaes erros são os seguintes:

PAG.	LINHA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
20	15	estanto	entanto
32	28	compeixa	complexa
42	4	tem	têm
53	10	vagam-me	vaga-me
73	12	vem	vêm
83	15	vagoroso	vagaroso
116	15	esboçar-se	desenhar-se
122	8	emtanto	entanto
143	12	tem	têm



ESTE VOLUME  
foi impresso, gravado e brochado  
para Arnoldo Moen, editor,  
314, Florida, 314  
BUENOS AIRES  
10 de fevereiro de 1896







X

